

Universidade Federal do Triângulo Mineiro
Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática

Cleonice Aparecida Silveira

A espiritualidade e os conhecimentos tradicionais presentes no uso e conservação da
sociobiodiversidade na Comunidade Água Boa II

Uberaba

2023

Cleonice Aparecida Silveira

A espiritualidade e os conhecimentos tradicionais presentes no uso e conservação da
sociobiodiversidade na Comunidade Água Boa II

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação em Ciências e Matemática.

Linha de pesquisa (L2): Cultura, construção do conhecimento e suas interfaces com a Educação em Ciências e Matemática.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo dos Santos Crepalde

Uberaba

2023

**Catálogo na fonte: Biblioteca da Universidade Federal do
Triângulo Mineiro**

S587e Silveira, Cleonice Aparecida
A espiritualidade e os conhecimentos tradicionais presentes no uso e
conservação da sociobiodiversidade na Comunidade Água Boa II. / Cleonice
Aparecida Silveira. -- 2023.
90 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática)
-- Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, MG, 2023
Orientador: Prof. Dr. Rodrigo dos Santos Crepalde

1. Conhecimento tradicional associado. 2. Espiritualidade. 3. Biodiver-
sidade. 4. Sistemas agrícolas. 5. Comunidades agrícolas. I. Crepalde, Rodri-
go dos Santos. II. Universidade Federal do Triângulo Mineiro. III. Título.

CDU 631.147:2-522.5

Cleonice Aparecida Silveira

A espiritualidade e os conhecimentos tradicionais presentes no uso e conservação da
sociobiodiversidade na Comunidade Água Boa II

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação em Ciências e Matemática.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Rodrigo dos Santos Crepalde
Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)

Profa. Dra. Verônica Klepka
Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)

Prof. Dr. Juliano Soares Pinheiro
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Uberaba

2023

Dedico este trabalho a toda minha família e amigos que muito me apoiaram e me incentivaram a realizá-lo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus primeiramente, por ter me dado saúde, disposição e sabedoria para a realização desse trabalho e por finalizá-lo tão graciosamente.

Agradeço ao meu esposo, por ter a virtude da paciência, por todo incentivo, pelos cafés para virar madrugadas, pelos puxões de orelha também, mas principalmente por conceber a minha conquista como nossa, obrigada amor!

Agradeço a minha mãe pela paciência e compreensão quanto ao objetivo dos meus estudos. Agradeço ao meu pai por sempre demonstrar orgulho em ter uma filha pós-graduada, é de imenso prazer que se sintam dessa forma mãe e pai.

Agradeço a minha irmã Adelvânia por tornar-se tão responsável e brilhante, ajudando-me imensamente a finalizar este trabalho.

Agradeço a Vandani, por me incentivar e não me deixar desistir nos momentos difíceis.

Agradeço ao meu irmão Cleiton com quem posso contar sempre.

Agradeço a minha queridíssima amiga Lucia, por toda ajuda a volta deste trabalho.

Agradeço aos meus amigos e amigas que estiveram do meu lado até o fim.

Agradeço a Tânia Halley por ter me instruído e ajudado nos meus primeiros passos para o ingresso no mestrado, assim como nos últimos, gratidão sempre!

Agradeço aos meus sogros, cunhados (as) e sobrinhos pelo apoio.

Agradeço a minha banca examinadora Tânia e Juliano pela disponibilidade.

E agradeço, por fim, ao meu orientador/professor e amigo Rodrigo Crepalde, por quem tenho grande admiração e respeito, pois tem me ensinado tanto ao longo dessa jornada maravilhosa, obrigada!

RESUMO

Assumir o conceito de sociobiodiversidade significa reconhecer que a solução para qualquer problema ambiental pressupõe a indissociabilidade entre as relações sociais e biológicas. Assim, como exemplo, podemos observar os conhecimentos dos povos e comunidades tradicionais responsáveis por práticas de manejo sustentável de uso e conservação da sociobiodiversidade articulando-se às lutas de resistências contra as ações predatórias sobre a natureza. E a espiritualidade, não como dogma ou doutrina, mas como presença no mundo vivo e não vivo que transcende a materialidade, é recurso ou princípio que ajuda a explicar como povos e comunidades tradicionais convivem com e não contra a natureza. Neste propósito buscamos compreender a espiritualidade e a presença de sua marca enquanto constitutiva dos conhecimentos tradicionais nos discursos sobre uso e conservação da sociobiodiversidade em Água Boa II, região Norte de Minas Gerais. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que recorreu a observação participante e a uma entrevista semiestruturada com uma moradora da comunidade, Geraizeira, que se engajou na luta pela implementação de uma reserva de desenvolvimento sustentável na região. As lutas em defesa dos territórios das chapadas em Água Boa II, ganharam além do entusiasmo, uma potência orgânica, no sentido de organização, já que a espiritualidade vem acionando um senso de justiça, igualdade e fraternidade entre comunidades tradicionais geraizeiras do Norte de Minas Gerais. E o que evidenciamos em nossa pesquisa é que a espiritualidade se torna proeminente na concretização do conceito de sociobiodiversidade contextualizada pela tipicidade do uso e conservação do Cerrado por povos e comunidades tradicionais. A sociobiodiversidade aqui discutida, tratou-se de um acumulado de práticas e saberes, sentidos e senso de justiça e direitos que vêm sendo montado e aprimorado ao longo das gerações. E apesar das crescentes áreas que aderem ao preservacionismo, Água Boa II, juntamente com outras associações parceiras optaram pela conservação, mas também pelo uso consciente e sustentável baseado nos princípios espirituais que regem as Comunidades Eclesiais de Base (CEB's). Construindo novas epistemologias que subvertem as leis/regras do colonialismo de forma a dar destaque a espiritualidade, sendo ela num sentido ontológico, uma verdade sul-americana e não eurocêntrica.

Palavras-chave: espiritualidade; conhecimentos tradicionais; uso e conservação; sociobiodiversidade.

ABSTRACT

Assuming the concept of socio-biodiversity means recognizing that the solution to any environmental problem presupposes the inseparability of social and biological relationships. Thus, as an example, we can observe the encounters of two peoples and traditional communities responsible for sustainable management practices for the use and conservation of socio-biodiversity, articulating resistance struggles against predatory actions on nature. And spirituality, not as a dogma or doctrine, but as a presence in the living and non-living world that transcends materiality, is a resource or principle that helps explain how people and traditional communities live together and not against nature. In this regard, we seek to understand spirituality and the presence of its brand as constituting two traditional concepts in discourses on the use and conservation of socio-biodiversity in Água Boa II, in the North region of Minas Gerais. This is qualitative research that used participant observation and semi-structured interviews with a resident of the community, Geraizeira, who was involved in the struggle for the implementation of a sustainable development reserve in the region. The struggles in defense of the two territories of the slaps in Água Boa II, raised, in addition to enthusiasm, an organic force, a sense of organization, since spirituality sees activating a sense of justice, equality and fraternity among the traditional German communities of the North of Minas Gerais. What we evidenced in our research is that spirituality gains prominence in the realization of the concept of sociobiodiversity contextualized by the typical use and conservation of the Cerrado by dust and traditional communities. The socio-biodiversity discussed here deals with an accumulation of practices and knowledge, meanings and a sense of justice and rights that we see being built and improved over generations. And despite the growing areas that favor preservation, Água Boa II, together with other partner associations, opted for conservation, but also for conscious and sustainable use based on the spiritual principles that govern the Base Ecclesiastical Communities (CEB's). Build new epistemologies that subvert the laws/rules of colonialism in order to highlight spirituality, which in the ontological sense is a South American truth and not a Eurocentric one.

Key words: spirituality; traditional knowledge; use and conservation; sociobiodiversity.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	9
INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO 1 – PERCURSOS METODOLÓGICOS	18
1.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	19
1.2 COMUNIDADE ÁGUA BOA II	21
CAPÍTULO 2 - O USO E A CONSERVAÇÃO DA SOCIOBIODIVERSIDADE NO CONTEXTO NORTE-MINEIRO	26
2.1 O CONTEXTO NORTE-MINEIRO DE LUTA E DEFESA DOS SEUS TERRITÓRIOS	26
2.2 PRESERVAÇÃO VERSUS CONSERVAÇÃO	28
2.3 PARQUE ESTADUAL DE SERRA NOVA VERSUS RESERVA DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NASCENTES GERAIZEIRAS	31
CAPÍTULO 3 - OS CONHECIMENTOS TRADICIONAIS E A MARCA DA ESPIRITUALIDADE.....	39
3.1 A MONOCULTURA DA CIÊNCIA MODERNA VERSUS A ECOLOGIA DE SABERES.....	39
3.2 OS CONHECIMENTOS TRADICIONAIS E AS SUAS MARCAS.....	41
CAPÍTULO 4 – A ESPIRITUALIDADE NO USO E NA CONSERVAÇÃO DA SOCIOBIODIVERISDADE EM ÁGUA BOA II.....	48
4.1 AS FESTAS RELIGIOSAS DA COMUNIDADE ÁGUA BOA II.....	48
4.2 A ROMARIA DO AREIÃO DO ANO DE 2021	51
4.3 A ROMARIA DO AREIÃO DO ANO DE 2022.....	58
4.4 A ESPIRITUALIDADE PRESENTE NOS DISCURSOS SOBRE USO E CONSERVAÇÃO DA SOCIOBIOODIVERISADE EM ÁGUA BOA II.....	63
CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
REFERÊNCIAS	86
APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.....	89

APRESENTAÇÃO

Sejam bem-vindos a uma síntese da minha trajetória escolar-acadêmica! Me chamo Cleonice Aparecida Silveira, tenho 26 anos e esta é uma pequena parte das minhas memórias. Nascida e criada em uma comunidade tradicional do município de Rio Pardo de Minas (MG): Ilha das Cabras. Esta comunidade sempre contou com um anexo multisseriado da Escola Municipal Professora Rosa Herculana situada no distrito de Serra Nova, a 6 km da minha comunidade. Lembro-me das baixinhas, porém longas mesas verdes que eram rodeadas por pequenas cadeiras de madeiras também na cor verde, e foi mesmo ali que aprendi a ler e a somar, uma breve utopia do deter conhecimento.

*Numa folha qualquer/ Eu desenho um sol amarelo/ E com cinco ou seis retas/
É fácil fazer um castelo/ Com o lápis em torno da mão/ E me dou uma luva/ E
se faço chover/ Com dois riscos tenho um guarda-chuva/ Se um pinguinho de
tinta/ Cai num pedacinho azul do papel/ Num instante imagino/ Uma linda
gaivota a voar no céu/ Vai voando/ Contornando a imensa curva, norte, sul/
Vou com ela viajando/ Havaí, Pequim ou Istambul/ Pinto um barco à vela
branco, navegando/ É tanto céu e mar num beijo azul [...]De uma América a
outra/ Eu consigo passar num segundo/ Giro um simples compasso/ E num
círculo eu faço o mundo[..]Nessa estrada não nos cabe/ Conhecer ou ver o
que virá/ O fim dela ninguém sabe/ Bem ao certo onde vai dar (Toquinho,
1982).*

Um tempo depois, no ensino fundamental e médio, idealizaram em muitos de nós o sonho de cursar uma faculdade, embora a desvalorização salarial e social desmotivasse qualquer possibilidade de ser um educador/professor. Inicialmente prestei o exame do ENEM buscando o curso de Arquitetura, infelizmente! As condições econômicas da minha família impossibilitaram que me deslocasse da minha comunidade para um grande centro. Não aceitando a possibilidade do fim dos meus estudos, comecei a prestar vestibulares em algumas federais de Minas Gerais, como a UFMG em Belo Horizonte, a UFVJM em Diamantina e a UFTM em Uberaba. Em Belo Horizonte os cursos oferecidos eram Matemática e Língua Portuguesa, não me agradavam muito, então torci para não ser chamada, enquanto em Diamantina, ofertava Ciências da Natureza e Matemática, mas fiquei na lista de espera e não foi daquela vez. Atendendo minhas orações, graças a Deus, fui chamada a apresentar minha documentação na Universidade Federal do Triângulo Mineiro de Uberaba, dando início ao meu sonho ou a uma “certa obrigação social”, pois é verdade que sem as certificações do sistema de ensino hegemônico você não é um cidadão completo e capaz de exercer determinadas funções ou cargos na sociedade. Essa

é uma pressão exercida de cima para baixo, afinal era comum que ouvíssemos de nossos próprios professores “se você não estudar não conseguirá nada na vida”. Apesar dessa crítica particular, era uma vontade minha, poder cursar uma graduação e ser o primeiro membro da minha família a estar em uma universidade.

Neste período da minha vida, dividido em 8 semestres, tive a oportunidade de cursar algumas disciplinas específicas do curso de Licenciatura em Educação do Campo, área de conhecimento Ciências da Natureza, que fizeram me tornar mais que uma professora, me tornei uma pessoa crítica, voltada para valorizações de minhas raízes. Pois até então, viver no campo e da agricultura familiar era sinônimo de pobreza, atraso, ignorância, entre vários outros termos pejorativos, afinal, estávamos acostumados a ser educado/alienado pelo opressor.

A partir da Pedagogia da Alternância¹, ao abrir possibilidades da Educação Superior a sujeitos distantes dos grandes centros urbanos e de diferentes modos de vidas, acolhendo camponeses, indígenas, quilombolas, assentados e tantos outros grupos sociais e etnias, que passei a enxergar com outros olhos minha cultura, minha identidade, meus conhecimentos tradicionais, meus métodos de trabalho e todas as minhas práticas sociais como uma outra ciência, a ciência não ocidental.

Nesse caminho, durante as discussões em sala de aula, com meu queridíssimo orientador professor Rodrigo, surge a ideia de um projeto de extensão com a maravilhosa temática das festas religiosas, intitulado de “Festas Religiosas como espaços socioculturais para construção de identidades do Campo”, que culminou com uma exposição linda nos dias principais da festa de Nossa Senhora do Patrocínio, no pequeno distrito de Serra Nova, município de Rio Pardo de Minas (MG). Este projeto abriu um leque de possíveis temas de pesquisas e foi uma delas foi meu trabalho de conclusão de curso chamado: “Mudanças e permanências na construção das identidades do campo na comunidade Ilha das Cabras”. Minha comunidade de origem! Nesse meio tempo pude apresentar meu trabalho no “II Congresso Internacional de Educação do Campo da Universidade Federal do Tocantins: diversidade cultural, socioterritorial, lutas e práticas”,

¹ A Pedagogia da Alternância é uma forma de organização e metodologia dos tempos e espaços do ensino e aprendizagem que alterna momentos de estudo intensivo na escola/universidade com momento mais extensivos na comunidade de origem do estudante. Assim, além de garantir que o camponês/agricultor familiar/morador do campo não tenha que abandonar sua comunidade para estudar (na Educação Básica, mas principalmente no Ensino Superior), proporciona a interação entre o estudante que vive no campo e a realidade que ele vivencia em seu cotidiano, de forma a promover constante troca de conhecimentos entre seu ambiente de vida e trabalho e o escolar (Cordeiro; Reis; Hage, 2011).

no ano de 2018, realizado em Palmas (TO). Com certeza uma das mais maravilhosas experiências durante a graduação e um importante processo na escolha do meu tema de pesquisa na pós-graduação.

Em 2020 participei da seleção para candidatos ao mestrado nas áreas do ensino de Ciências e Matemática, e fui aceita no programa, que iniciou no primeiro semestre de 2021. Entre as diversas experiências proporcionadas pela pós-graduação, com certeza participar do INTEGRA², grupo de estudos e pesquisa que conta com a presença de professores e mestrandos dispostos a trabalhar seus temas de pesquisas, que por sinal, são interessantíssimos e contemporâneos. Nesses encontros, que por vezes tiveram que ser virtuais, devido aos sérios momentos de pandemia global, não deixamos de discutir e ganhar amplitude teórica e metodológica a partir de textos de autores maravilhosos. Eu ainda preciso falar a vocês que algumas das disciplinas me deram alcance a outro mundo epistemológico, que foi por muito tempo invisibilizado, e me sinto maravilhada por poder vê-lo agora, mas algumas não deixaram saudades, fato! Não poderei deixar de fora uma das minhas mais recentes memórias sobre o segundo congresso internacional que participei: “2º Encontro Internacional Pós-colonial e Decolonial (EPD): Encruzilhadas Históricas e Culturais”. Este evento ocorreu em novembro de 2022, na cidade de Florianópolis (SC), meu trabalho, a partir da primeira observação participante desta pesquisa de mestrado, da Romaria do Areião³, se encaixou no eixo temático: Educação, Meio Ambiente e Territorianias Decoloniais. Um tema gostoso de discutir, além de estarmos rodeados por paisagens excepcionais.

Todas essas experiências contribuíram na escolha do meu tema de pesquisa: a espiritualidade e os conhecimentos tradicionais presentes no uso e conservação da sociobiodiversidade na Comunidade Água Boa II. Que a meu ver, “nos renderá muito pano pra manga”. Nas comunidades tradicionais, a exemplo de Água Boa II, podemos encontrar uma diversidade de conhecimentos tradicionais associados à sociobiodiversidade e a espiritualidade é marcante orientado ações e posicionamentos dos seus comunitários.

Para mim, Água Boa II foi uma escolha relativamente fácil, se considerarmos que esta comunidade se localiza dentro de uma Reserva de Desenvolvimento Sustentável

² INTEGRA: Grupo de Pesquisa Integração de Saberes na Formação de Professores de Ciências e Matemática para o Campo.

³ Mais à frente esclareço o que é a Romaria do Areião e a sua grande importância para este trabalho.

(RDS), é embebida pelas lutas sociais de resistência contra a monocultura de eucalipto, a favor da preservação do meio ambiente, vivendo da natureza e na natureza, receberam o título de geraizeiros, extrativistas, entre outros. Algo que se fez inseparável das lutas ou dos conhecimentos tradicionais desses moradores foi a espiritualidade, então imagine essa bela mistura, as coisas e os “espíritos” costurando uma ressurgente emancipação social.

Espero que me acompanhe nessa caminhada, para vermos quais possibilidades este trabalho irá nos apresentar.

INTRODUÇÃO

A modernização colonial e conservadora (Revolução Verde) da agricultura se deu de modo desigual e incompleta, principalmente quando pensamos no alavancamento industrial, na mecanização do campo, que veio impulsionar de fato, o agronegócio, atendendo apenas aos que podiam pagar por ela. Como resultado, houve grande crescimento econômico para alguns, giro de capital e uma crescente crise ambiental e social, crise essa que, a ideologia da modernização supostamente desconhecia, mas que na verdade ignorava (Alentejano, 2012).

Enquanto isso, povos e comunidades tradicionais já tinham construído sistemas autossustentáveis embasados nos conhecimentos tradicionais, que por sua vez, prezam pelos modos tradicionais, a conservação da natureza e a manutenção consciente da vida e não o acúmulo de capital.

Por sua vez, a ideologia da modernização conservadora (Alentejano, 2012) sempre considerou os povos do campo e as comunidades tradicionais como entraves (símbolos do atraso, do precário, do selvagem, do que não se modernizou) ao seu suposto “desenvolvimento”, apesar das suas promessas de bem-estar para todos. No entanto, ganha cada vez mais força a compreensão de que a superação da crise ambiental e o desafio da conservação da biodiversidade só pode ser pensada junto com o conhecimento e cultura das populações tradicionais e agricultores familiares (Melo et al., 2021; Silva, 2015). Assim, surge o conceito de sociobiodiversidade que compreende a relação entre a diversidade biológica, os sistemas agrícolas tradicionais e as coletividades que vivem na/da terra.

A sociobiodiversidade propõe um caminho contrário ao dualismo ser humano versus natureza e poder econômico versus conservação da natureza. Assumir o conceito de sociobiodiversidade significa reconhecer que a solução para qualquer problema ambiental pressupõe a indissociabilidade entre as relações sociais e biológicas. O reconhecimento dessas relações oferece contribuições significativas nos dois âmbitos, tanto no uso e na conservação da diversidade biofísica, quanto no bem-estar de comunidades e coletividades envolvidas direta ou indiretamente no uso dessa diversidade (Melo et al., 2021; Silva, 2015).

Entender como povos e comunidades tradicionais se relacionam com seu ambiente de vida, seja produzindo conceituações e saberes ou manejando a diversidade biológica por meio de práticas e regras locais que determinam os

modos de acesso e uso da natureza, pode e deve contribuir para o desenvolvimento de políticas públicas ambientais mais justas e equitativas para as populações tradicionais e para a conservação da sociobiodiversidade. Essa contribuição seria a materialização da manutenção de territórios tradicionais e de diferentes bioculturas, e de um modelo de desenvolvimento aliado à etnoconservação. (Melo et. al., 2021, p. 26).

Assim, os conhecimentos dos povos e comunidades tradicionais são responsáveis pelas práticas de manejos sustentável de uso e conservação da sociobiodiversidade articulando-se às lutas de resistências contra as ações predatórias sobre a natureza. A complexibilidade e a singularidade do sistema socioambiental das comunidades tradicionais só pode ser compreendida a partir da concepção de que se é parte do ecossistema no qual estão inseridas e dele se necessita para sobreviver.

Trata-se de uma nova compreensão na qual se considera o homem como parte da natureza e vice-versa, o lugar como parte da cultura, as especificidades locais como aspecto central. Este enfoque de conservação surge em resposta às ambiguidades e às incoerências da teoria conservacionista convencional elaborada pelos países do Norte e transplantada aos países do Sul. (Melo et al., 2021, p. 10).

Em contraste ao pensamento moderno ocidental que assume como pressuposto de que tudo que não é humano deve servir ao desenvolvimento dos humanos, os povos tradicionais reivindicam uma relação mais integradora entre humanos e não-humanos, isto é, agem e vivem com e na natureza e não contra ela (Porto-Gonçalves, 2014; Santos, 2019).

A sociobiodiversidade, quando trabalhada a partir do conceito de comunidades tradicionais, e não por esferas midiáticas, parte do entendimento do que (Santos, 2019) chama de novas epistemologias, que carregam como premissa o não utilitarismo e sim uma troca de cuidado por cuidado. Este autor ainda aponta que a distinção material versus espiritual tem raízes no pensamento ocidental (Santos, 2014). Diante disso, não é de se surpreender quando um morador do campo e/ou comunidade tradicional é solicitado a explicar algum fenômeno ou acontecimento do seu cotidiano, mobilize a “espiritualidade” como uma entidade ou elo explicativo. “A espiritualidade é sempre a experiência de um encontro especial, não trivial, particularmente intenso da pessoa humana, isolada ou em comunidade, com o que a transcende” (Santos, 2021, p. 2). Essa experiência transcendental faz parte do respeito e o cuidado dos povos tradicionais com a biodiversidade.

Nesta perspectiva, esta dissertação pretende compreender a espiritualidade e a presença de sua marca enquanto constitutiva dos conhecimentos tradicionais nos discursos sobre uso e conservação da sociobiodiversidade em Água Boa II, comunidade tradicional Geraizeira⁴, localizada no município de Rio Pardo de Minas, região Norte do estado de Minas Gerais. Rio Pardo de Minas (MG) conta com 31.171 pessoas (IBGE, 2023). Em maior parte, pertencentes a zona rural distribuídas em cerca de 90 comunidades do campo, algumas delas já reconhecidas formalmente como comunidades tradicionais⁵, carregam consigo a identidade de geraizeiros, tornando-se os principais atores da sociobiodiversidade vivenciada pelos povos tradicionais desta região do Cerrado.

Uma de suas maiores riquezas naturais concentram-se nas fontes de água que escorrem pelas serras gerais e formam bacias importantes para o abastecimento do subsolo e das comunidades que residem as margens dos rios São Francisco, Jequitinhonha e Pardo (D'Angelis Filho, 2016).

Água Boa II, corresponde a um povoado rural, marcado pela religiosidade e igualmente pelas lutas por direitos à terra, à água, à valorização de trabalhos artesanais, ao extrativismo, entre outros. Em comemoração a uma de suas conquistas, a Reserva de Desenvolvimento Sustentável Nascentes Geraizeiras, promovem a Romaria do Areião: caminhada por dentro da mata até uma pequena igreja montada no alto da chapada, lugar de celebrações e agradecimento. Local onde, segundo seus comunitários, eles se energizam das forças espirituais para enfrentarem as batalhas travadas contra o “desenvolvimento” capitalista.

Neste cenário de relações fidedignas com os territórios, as terras localizadas ao Norte de Minas Gerais contam com uma diversificada sociobiodiversidade; uma relação de respeito e troca entre o ser humano e a natureza, enquanto se constroem culturas, identidades e crenças subsidiadas pela biodiversidade do Cerrado. Assim, a espiritualidade e os conhecimentos tradicionais são também indissociáveis da construção da sociobiodiversidade.

⁴ Geraizeiros são povos tradicionais que vivem nos cerrados do Norte de Minas Gerais. Essas regiões são conhecidas como Gerais, por isso a denominação de geraizeiros.

⁵ A Lei no 21.147 foi regulamentada pelo Decreto no 47.289, de 20 de novembro de 2017, que permitiu ao Estado o reconhecimento oficial da identidade geraizeira das comunidades como Sobrado, Moreira, Água Boa, Raiz e Vereda Funda, todas do município de Rio Pardo de Minas, através da Certificação de Autodefinição Identitária, em 11 de julho de 2018 (Souza; Sauer, 2020).

Água Boa II é uma comunidade na qual as pessoas são muito fervorosas na fé. Por isso era preciso entender se essa vivência religiosa também serviu de alguma motivação e força. Diante de tantos embates, confrontos e perseguições que se passaram durante os vários anos, em se comparando com outras histórias semelhantes nas quais pessoas foram assassinadas ou violentadas, nessa comunidade há essa convicção de que uma força além das suas os encorajava e os defendia. Primeiro, o impulso provocado pela perda das nascentes; segundo a força da fé que as conduzia. (Agostinho; Crepalde, 2018, p. 383).

Diante disso, nossa questão de pesquisa foi:

- De que modo a espiritualidade e sua marca enquanto constitutiva dos conhecimentos tradicionais estão presentes nos discursos sobre uso e conservação da sociobiodiversidade em Água Boa II?

Para responder esta questão foram realizadas observações participantes de festas religiosas da comunidade, em especial de duas edições da Romaria do Areião, bem como entrevista semiestruturada com uma de suas moradoras, agricultora familiar, Geraizeira e grande liderança social e política da região do Alto Rio Pardo que também foi protagonista na luta pela conquista da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Nascentes Geraizeiras.

No capítulo 1, “**Percursos Metodológicos**”, apresentamos nossos procedimentos metodológicos, na qual a metodologia qualitativa foi a melhor abordagem para o trabalho em questão. Contextualizamos Água Boa II, comunidade tradicional, que está inserida na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Nascentes Geraizeiras, objeto social das nossas investigações.

No capítulo 2, discutimos “**O uso e a conservação da sociobiodiversidade no contexto norte-mineiro**”, como o Cerrado brasileiro foi desconsiderado pelas políticas de conservação e até mesmo pela sociedade científica. E como consequência, as populações tradicionais passaram a enfrentar uma luta contra multinacionais e latifundiários pelo uso e conservação de seus territórios. Foi a partir da década de 1970 que o desenvolvimento capitalista, os embates entre conservacionismo e preservacionismo chegam ao município de Rio Pardo de Minas (MG).

No capítulo 3, apresentamos “**Os conhecimentos tradicionais e a marca da espiritualidade**”, debatemos ainda a dicotomia entre a ciência ocidental moderna e outras formas de produzir conhecimentos, assim como o surgimento da ecologia de saberes, o papel da supremacia científicista na desigualdade social e os conhecimentos tradicionais

e suas marcas, sendo uma delas a espiritualidade, que se fez importantíssima no uso e conservação da sociobiodiversidade no contexto mineiro.

No capítulo 4, trabalhamos “**A espiritualidade no uso e na conservação da sociobiodiversidade em Água Boa II**”, a partir da análise e discussão das observações participantes das Romaria do Areião dos anos de 2021 e 2022, e das interações verbais produzidas em uma entrevista com Joana, moradora de Água Boa II, que vem trazendo a força do espiritual no processo de defesa dos territórios das chapadas do Areião.

Nas “**Considerações Finais**” discutimos mais uma vez o entrelaçamento da espiritualidade com o uso e conservação da sociobiodiversidade. Além disso, buscamos sistematizar respostas para nossa questão de pesquisa, bem como apontamentos para pesquisas futuras. Também discutimos os principais desafios no desenvolvimento deste trabalho.

CAPÍTULO 1 – PERCURSOS METODOLÓGICOS

Como já mencionado, o objetivo geral desta pesquisa foi o de compreender a espiritualidade e a presença de sua marca enquanto constitutiva dos conhecimentos tradicionais nos discursos sobre uso e conservação da sociobiodiversidade em Água Boa II. Sendo que para atingir este fim, foram construídos os seguintes objetivos específicos:

- i) descrever as festas religiosas, especialmente a Romaria do Areião, e suas possíveis relações com o uso e conservação da sociobiodiversidade da comunidade de Água Boa II;
- ii) discutir a marca do conhecimento tradicional de espiritualidade presente nos discursos sobre uso e conservação da sociobiodiversidade em Água Boa II.

Nesta pesquisa entendemos que a metodologia qualitativa foi o caminho possível, pois tal abordagem metodológica parte da premissa que precisamos:

1) estudar o significado da vida das pessoas, nas condições da vida real; 2) representar a opinião e perspectiva das pessoas de um estudo; 3) abranger as condições contextuais em que as pessoas vivem; 4) contribuir com revelações sobre conceitos existentes ou emergentes que podem ajudar a explicar o comportamento social humano; e 5) esforçar-se por usar *múltiplas fontes de evidências* em vez de se basear em uma única fonte. (Yin, 2016, p. 7).

A pesquisa qualitativa nos deu a base e o contorno para trabalhar nossos objetivos de pesquisa, pois a compreensão dos discursos sobre o uso e conservação da sociobiodiversidade são inseparáveis de quem os enuncia e do seu contexto de enunciação. Assim, só seria possível buscar informações no campo de pesquisa e com os sujeitos informantes nas condições da vida real.

Foram realizadas observações participantes de festas religiosas da comunidade, em especial de duas edições da Romaria do Areião (objetivo específico (i)), bem como entrevista semiestruturada com uma de suas moradoras, agricultora familiar, Geraizeira e grande liderança social e política da região do Alto Rio Pardo que também foi protagonista na luta pela conquista da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Nascentes Geraizeiras (objetivo específico (ii)).

Nas próximas subseções abordamos em maiores detalhes os procedimentos metodológicos adotados; o contexto da comunidade Água Boa II; e um breve memorial da nossa entrevistada.

1.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A observação participante permitiu que fizéssemos um contato mais direto e prolongado com o ambiente e com objeto de estudo (Correia, 2009; Ludke, 1986), preocupando-nos em ser sensíveis e respeitosos com as diferenças culturais e não lançarmos rótulos de certo ou errado. A observação participante ainda exigiu que percebêssemos e entendêssemos gestos e comportamentos, que com outra abordagem metodológica não apanharíamos.

A observação permite que nos sintamos parte integrante de dada situação, como no caso da Romaria do Areião e das demais festa que observamos, podendo alcançar um campo de visão mais amplo sobre a comunidade. Segundo (Marques, 2016, p. 283) “A ‘observação participante’ não significa transformar-se em ‘nativo’, mas sim tentar colocar-se no lugar do outro, no seu ambiente social natural, buscando apreender a imponderabilidade da vida real.”

A observação de tipo participante consistiu em presenciar alguns eventos da comunidade Água Boa II como a Romaria do Areião, em 03 de outubro de 2021 e 09 de outubro de 2022; uma longa caminhada por dentro da reserva até uma pequena igreja construída no alto da chapada, onde costuma-se realizar missões, místicas entre outras apresentações em honra a São Francisco de Assis e em comemoração à conquista da reserva. Assim como o festejo do padroeiro da comunidade, Sagrado Coração de Jesus, que coincide com os festejos juninos e conta com o acendimento de fogueiras, bebidas, comidas típicas e muitos fogos de artifícios, além da levantada da bandeira.

A observação participante nos proporcionou um maior detalhamento descritivo, instigou-nos a compreender o processo mais que o produto, a compreensão dos significados do uso e da conservação da sociobiodiversidade e a presença da espiritualidade. Iniciar a pesquisa com a observação participante, ou melhor com observações participantes, nos permitiu nos aproximar mais, de modo concreto e prático, do contexto e sujeitos de pesquisa; nos permitiu reduzir possíveis estranhamentos da presença da pesquisadora nos eventos observados; e nos proporcionou construir uma relação de confiança para acesso a zonas de sentido mais profundas quando do momento da entrevista.

Lançamos mão de um caderno de campo para anotações de aspectos verbais e não verbais de conversas informais, impressões da pesquisadora, registro de acontecimentos

e pontos que poderiam ser aprofundados com os moradores da comunidade no momento da entrevista semiestruturada.

Tomamos ainda o cuidado de anotar de forma organizada as informações obtidas, mas sempre de modo discreto para não causar constrangimento ou inibição dos sujeitos que estão nos eventos em estudo. Nossas anotações aconteciam o mais próximo temporalmente do acontecido para não perdermos elementos importantes da observação.

As entrevistas semiestruturadas foram pensadas a princípio, com três moradores da comunidade, que possuem protagonismo na organização comunitária e no desenvolvimento de práticas sociais relacionadas ao uso e conservação da sociobiodiversidade. Entretanto, realizamos 1 uma entrevista que foi transcrita e suficiente para sustentar nossa análise, objeto de discussão do capítulo 4.

A grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos. Uma entrevista bem-feita pode permitir o tratamento de assuntos de natureza estritamente pessoal e íntima, assim como temas de natureza complexa e de escolhas nitidamente individuais (Ludke; André, 1986, p. 34).

A entrevista poderia ter sido realizada na casa da entrevistada, em um local que melhor a deixasse à vontade para responder as perguntas, mas a entrevistada preferiu o salão cedido pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Rio Pardo de Minas. E foi em janeiro de 2022, mais precisamente no dia 4 às 13:30h, realizamos a entrevista.

Foram utilizados gravadores de áudios, recorrendo a mais de um gravador para não correr o risco de perda de informações. Com o propósito de uma conversa que fluísse e deixasse a entrevistada o mais à vontade possível, a entrevista foi iniciada com um bate papo informal e, posteriormente, introduzimos as questões do roteiro de entrevista semiestruturada (Apêndice A).

As interações verbais da entrevista foram gravadas em áudio, com a permissão da entrevistada e após ter lido e tirado todas as dúvidas em relação ao termo de consentimento livre e esclarecido. Os áudios foram transcritos, preservando o sigilo do nome, identidade e quaisquer trechos de falas que possam identificá-la. Para fins da exposição dos resultados da pesquisa, será atribuído nome fictício à entrevistada.

Para análise das informações obtidas na entrevista recorreremos ao referencial teórico e analítico das marcas dos conhecimentos tradicionais construído por Crepalde e

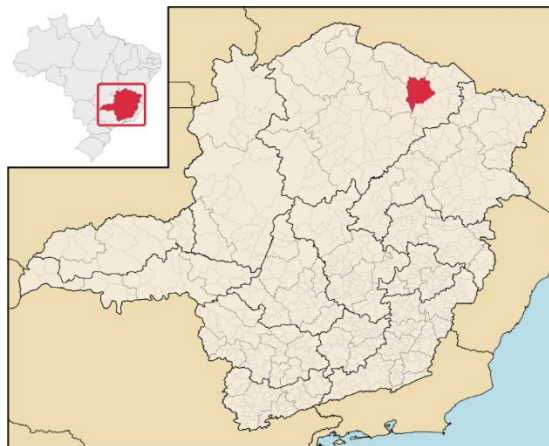
outro autores (2019), ver capítulo 3. Em especial, temos como propósito contribuir para melhor compreensão da marca do conhecimento tradicional de espiritualidade.

Consta dizer que as análises se atentaram em discutir como os conhecimentos tradicionais produzidos e empregados pelos sujeitos de Água Boa II, com destaque para a marca da espiritualidade, comparecem nas explicações sobre as práticas relacionadas ao uso e conservação da sociobiodiversidade por parte de seus comunitários.

1.2 COMUNIDADE ÁGUA BOA II

Água Boa II é uma comunidade do campo, reconhecida como tradicional geraizeira, situa-se há 18 km do município de Rio Pardo de Minas (MG) que conta com número populacional de 31.171 pessoas (IBGE, 2023). Está localizada ao Norte do estado de Minas Gerais. Região do bioma Cerrado, com formações geológicas de relevo denominadas de chapadas.

Figura 1 – Localização de Rio Pardo de Minas (MG)



Fonte: Rio Pardo de Minas (2023).

Figura 02– Comunidade Água Boa II



Fonte: Silva (2020, p. 30).

São aproximadamente 102 famílias e 400 moradores, com extensão territorial de não mais de 15 hectares. Por esse motivo, a pequena área de suas terras contribui para que muitos de seus moradores migrem para outras regiões em busca de trabalho agroindustriais. Apesar disso, resultado de muitas lutas e organização coletiva, recentemente, a comunidade conta com uma cooperativa de beneficiamento de frutos do Cerrado, que se tornou fonte de renda para parte de seus comunitários.

Sem relatos precisos, alguns moradores narram que o nome da comunidade vem das várias nascentes, mesmo que muitas delas não existam mais, mas se encontravam nas redondezas da comunidade e pela boa qualidade da água. (Agostinho; Crepalde, 2018; Agostinho et al., 2019).

Água Boa II ainda desenvolve diversas práticas sociais seculares, entre elas estão o trabalho dos guardiões de semente crioulas, práticas extrativistas, artesanatos, agricultura, criações de bovino e de aves. Mesmo sendo de pequeno porte, essas práticas têm sustentado a comunidade culturalmente e economicamente.

Tanta diversidade de vida presente na vegetação local favorece e serve de inspiração para um modo de vida que vem sendo praticado há anos pelos povos tradicionais da região, o uso sustentável dos territórios. Desde as gerações antigas, há o entendimento que é possível e preciso usufruir dessa “riqueza natural”, mas com responsabilidade, por meio do extrativismo, a comunidade vem há tempos coletando frutos, como pequi (para a comida e extração de óleo), mangaba, rufão, gabioba, murici entre outros. Os produtos oriundos do extrativismo eram vendidos ou serviam de base para outros produtos que seriam comercializados, ajudando como fonte de renda familiar. Um exemplo que ouvimos com frequência entre os anciões moradores da comunidade, é que antigamente em épocas da safra do pequi, algumas famílias acampavam em barracos de lonas ou palha no meio do mato para colheita de pequi que também era usado para a extração do óleo de pequi. (Silva, 2020, p. 32).

A sociobiodiversidade presente em Água Boa II se estabelece como uma política ampla que envolve os âmbitos econômico, cultural e identitário. Inclusive, há diversas práticas sociais que estão ligadas ao uso e conservação de modo dependente de recursos biofísicos da região. Entre elas, a produção de chapéus feitos da palha de palmeiras licuri⁶. O seu processo de produção envolve a colheita dos tendões, ou seja, as folhas mais novas da palmeira, em seguida, esse tendão é desfiado em tiras, postas para secar ao Sol e trançadas para seguir para a próxima etapa, que é a fervura. A fervura é indispensável

⁶ Palmeira licuri: o licurizeiro (*Syagrus coronata*) é uma palmeira que pode chegar a 11 metros de altura, com folhas que lembram a forma de coroa e é conhecido por vários nomes populares: alicuri, cabeçudo, coqueiro-aracuri, coqueiro-dicuri, iricuri, oricuri, ouricurizeiro, uricuri e uricuriba.

para branquear e deixar a fibra mais resistente, depois de secar novamente, as artesãs costuram e montam o chapéu, os famosos chapéus de palha.

Além de colher as palhas, também são extraídas argilas; um solo com uma grande propriedade de liga, o que facilita a moldagem de vasos, vasilhas, filtros, entre outros objetos fabricados o ano todo pelos moradores de Água Boa II.

A depender da época do ano, entre novembro e janeiro, encontramos também o extrativismo do pequi, esse fruto típico do Cerrado, pode ser cozido com arroz, com galinha, entre outros alimentos, pois ele tem a capacidade de dar sabor único a comida dos geraizeiros, mas a principal utilização do pequi é a fabricação de óleo. Esse derivado é bastante vendável no mercado, pois tem propriedades medicinais, é colhido apenas em uma época do ano, além de ser um processo longo e cuidadoso, para que saia um óleo de boa qualidade.

Água Boa II, ainda conta com uma cooperativa de uso comum, a COOPAB (Cooperativa de Extrativistas da Comunidade Água Boa II) adaptada para processar as polpas dos frutos silvestres e armazená-las para futura comercialização que tem desempenhado um importante papel na busca de alternativas de renda.

Contam ainda com celebrações que se tornaram tradicionais, como festas juninas, festa do padroeiro: Sagrado Coração de Jesus, que é repleta de atrações, levantada de bandeira, comidas típicas, cantigas de reis, catiras e queima de fogos de artifícios. (Agostinho; Crepalde, 2018; Agostinho, et. al, 2019; Silva, 2020).

Foram as diversidades biofísicas e culturais, assim como os amplos conhecimentos tradicionais e a forte presença da espiritualidade que deu o título de geraizeiros a esses sujeitos, que independente das dificuldades e dos trabalhos pesados, puseram-se diante das ameaças modernizadoras de devastação de seus territórios e lutaram pela Reserva de Desenvolvimento Sustentável, Nascentes Geraizeiras - RDS MG.

1.3 BREVE MEMORIAL DE JOANA

Este breve memorial da nossa entrevistada, Joana, possui o propósito de constituir, mesmo que parcialmente, uma imagem da nossa entrevistada. Este texto a seguir, de um lado, fundamenta a escolha de Joana como nossa entrevistada, representante de toda uma comunidade e, de outro, busca trazer um pouco da força, da vida e da energia presentes nesta grande lutadora dos Gerais e guardiã do Cerrado.

A nossa entrevistada, Joana, nome fictício dado a uma moradora de Água Boa II, de 58 anos, licenciada em Educação do Campo da área de Ciências da Natureza pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e que neste momento está cursando o mestrado em Sustentabilidade junto a Povos e Territórios Tradicionais (MESPT), na Universidade de Brasília (UnB).

Joana veio de uma origem humilde, nossa entrevistada nasceu e viveu até aos 17 anos no município de Vargem Grande do Rio Pardo (MG). Uma camponesa que dedicou parte de sua vida aos movimentos de lutas em defesas dos territórios das chapadas do Alto Rio Pardo, onde passou a morar a partir dos seus 17 anos até os dias de hoje. Joana identifica-se como Geraizeira, extrativista, pequena agricultora, militante, guardiã de sementes crioulas e ainda trabalha como coordenadora de pastorais.

Nascida em meio a 12 irmãos, Joana aprendeu com seus pais a importância do cuidado com a natureza, de como cuidar da terra e a cultivar os alimentos que sustentavam sua família, por vezes, as produções das lavouras sobravam para serem comercializadas nas feiras da cidade, em outras ocasiões, esses mantimentos produzidos por eles eram vendidos para comprar o essencial. O pai de Joana cedeu uma casa antiga para que pudesse haver aulas, e assim Joana estudou até a quarta série primária intercalando entre as aulas e as lidas na roça.

Os conhecimentos que eram passados no dia a dia de Joana pelos seus pais deviam ser cuidadosamente observados, principalmente no que diz respeito as fases lunares e seus efeitos na produção de grão, rapaduras e lavouras. Independente da pouca escolaridade, Joana atuou como professora leiga na comunidade de Água Boa II por dez anos, um desafio devido à falta das políticas públicas voltadas para educação na época. Apesar das adversidades, Joana desenvolveu um carinho e gratidão pelos ensinamentos extrativistas, de uso e conservação com a natureza, das práticas culturais e pelas manifestações de fé. Gostou tanto que se casou com um morador de Água Boa II e vive lá atualmente.

Ao passar 14 anos morando em Água Boa, tiveram 4 filhas que cresceram dentro dos costumes e princípios das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), onde ela sempre esteve envolvida com os eventos religiosos da comunidade. A partir da década de 1995 chega na região a implantação da Pastoral da Criança, um movimento que surge de dentro das organizações da igreja e faz Joana rever as formas de se relacionar com a terra, com a biodiversidade do Cerrado, que vinha sofrendo fortes degradações devido a chegada das monoculturas de eucalipto que conseqüentemente afetou as práticas tradicionais das comunidades. Ao passar do tempo Joana passa a se envolver com pastorais, oficinas,

formações e movimentos agroecológicos que marcam uma retomada identitária e um posicionamento diante as injustiças sociais e ambientais juntamente com a comunidade. Como se não bastasse, Joana ainda trabalha como coordenadora da Pastoral da Criança, e consegue viabilizar projetos junto ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Rio Pardo de Minas para mulheres. Com o objetivo de erradicar a desnutrição e montaram uma padaria comunitária que veio gerar renda e permitiu uma partilha dos produtos entre as famílias.

Em 2002, é que de fato começa os enfrentamentos pelas defesas dos territórios e como estava à frente das pastorais, Joana via a necessidade de buscar alternativas para frear os esgotamentos aquíferos, das faunas e floras das chapadas, terra que é sinônimo de vida digna para seus filhos.

A luta dessa mulher não para, com mais de 45 anos de idade, Joana entra para o ensino de Jovens e Adultos em 2009 e consegue, a partir do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), o diploma de Ensino Médio completo. Possibilitando sua entrada para a universidade, em 2013, foi pela Licenciatura em Educação do Campo (LECampo), com a Pedagogia de Alternância que foi possível dar início a esse sonho e que, posteriormente, abriu caminho para o mestrado, que segundo Joana, contribuiu de forma significativa no processo de implantação da Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS). Joana demonstra ainda mais um sentimento de responsabilidade, sabendo que não chegou aonde está sozinha, pois ela é comunidade, trazendo com ela as histórias, desafios, conquistas e perspectivas de seu povo. Essa é um pouco da história da nossa entrevistada e guerreira, a Joana moradora de Água Boa II.

CAPÍTULO 2 - O USO E A CONSERVAÇÃO DA SOCIOBIODIVERSIDADE NO CONTEXTO NORTE-MINEIRO

Neste capítulo iremos abordar os desafios do uso e da conservação da sociobiodiversidade no Norte de Minas Gerais, especialmente da região do Alto Rio Pardo, bem como as lutas dos povos tradicionais em defesa dos seus territórios contra as grandes monoculturas de eucalipto implantadas pelas empresas “reflorestadoras” desde os fins da década de 1970. O “desenvolvimentismo” moderno atingiu essa região do Cerrado em tamanha extensão que, em pouco tempo, a escassez de água assolou a região, o que impulsiona a criação de reservas protegidas de uso sustentável e diversos embates políticos, econômicos e sociais.

2.1 O CONTEXTO NORTE-MINEIRO DE LUTA E DEFESA DOS SEUS TERRITÓRIOS

Em sua grande extensão, o cenário norte-mineiro conta com características de alguns dos principais biomas, entre eles, o Cerrado, que predomina em maior parte, e áreas de transição com a Caatinga. É neste lugar que os povos do Norte de Minas encontram-se frente as lutas de resistências contra as degradações ambientais, buscando seus direitos de uso e conservação do Cerrado (Porto-Gonçalves, 2014).

Alguns atores sociais investidos da tarefa de defender o Cerrado ressentem-se pelo fato de que Constituição de 1988 não [ter] incluído o bioma entre aqueles que são considerados patrimônios nacionais, como a Amazônia e a Mata Atlântica. Mas, me parece evidente que o Cerrado ficou de fora por causa um profundo desconhecimento da sociedade brasileira sobre esse bioma, um desconhecimento que se estende ao meio científico. Quando ingressei no debate sobre o Cerrado e as suas gentes, me pareceu de imediato que era preciso mudar a subjetividade social sobre esse bioma, percebido em geral pela sociedade brasileira como um ambiente pobre, de árvores tortas. (Porto-Gonçalves, 2014, p. 162).

E neste bioma há populações tradicionais como geraizeiros, veredeiros, extrativistas, vazanteiros, quebradeiras de coco, ribeirinhos, entre outros. Os povos do Cerrado têm por essas terras mais do que interesse na conservação da biodiversidade, se veem como parte de seus territórios. As comunidades tradicionais os concebem como um modo de vida e que é repleto de conhecimentos (Oliveira, 2017; Porto-Gonçalves, 2014).

(Porto-Gonçalves, 2014) retrata a defesa dos territórios do Cerrado e a importância do cuidado pelos seus moradores e cita Chico Mendes dizendo que “não há defesa da floresta, sem os povos da floresta” (Porto-Gonçalves, 2014, p. 163).

ele [Chico Mendes] introduziu o componente do conhecimento acumulado sobre o bioma, como condição para a sua conservação. [...] Eu percebo isso como um princípio extensivo a qualquer bioma, a qualquer ambiente. Significa afirmar que o conhecimento que se tem sobre um ambiente é fundamental para a sua conservação. Mas, infelizmente, a nossa sociedade sofre de uma significativa limitação em sua compreensão sobre esse aspecto, por só levar em consideração o conhecimento científico ou uma matriz de pensamento construída a partir da Europa Ocidental, nos últimos 200 anos. Trata-se de uma concepção do conhecimento etnocêntrica, que nega outras matrizes de pensamento e sistemas de conhecimentos. (Porto-Gonçalves, 2014, p. 160).

A partir da década de 1970, os territórios do Alto Rio Pardo depararam-se com a chegada do desenvolvimento capitalista e as falsas promessas de modernização que as empresas reflorestadoras juntamente com os órgãos políticos ofereciam em troca dos grandes desmatamentos das chapadas (Brito, 2012; D’angelis Filho, 2016; Oliveira, 2017; Porto-Gonçalves, 2014).

A expansão capitalista no Norte de Minas foi sustentada pelo Estado que estabeleceu as condições necessárias e incentivos fiscais e financeiros fundamentais para o capital privado na região. Em 1966 foi criada a Fundação Rural Mineira - RURALMINAS responsável pela política estadual de utilização das terras e das águas para irrigação e pelos incentivos a monocultura de eucalipto. A RURALMINAS estava diretamente associada à gestão das terras do norte de Minas para a expansão capitalista ignorando grupos que já haviam se estabelecido na região, como os de geraizeiros, veredeiros, pescadores, vazanteiros, ilheiros, barranqueiros, caatingueiros, quilombolas, índios, que forjaram sua forma de vida tendo como parâmetro os ambientes em que habitavam. As famílias e comunidades tinham a posse por uso e direito e não por reconhecimento jurídico, inclusive construindo modos peculiares de posse e uso da terra, como o uso comum das chapadas pelos geraizeiros que a utilizavam para solta de gado e extrativismo (Brito, 2012, p. 2).

A monocultura do eucalipto percorreu as chapadas dos municípios de Fruta de Leite, Indaiabira, Montezuma, Novorizonte, Riacho dos Machados, Rio Pardo de Minas, São João do Paraíso, Santo Antônio do Retiro, Taiobeiras e Vargem Grande do Rio Pardo. O plantio do eucalipto na região voltava-se para a produção de celulose, carvão vegetal, ferro, entre outros (Brito, 2012). Essa monocultura veio tornar-se a principal causa de esgotamento aquífero da região. Escassez de frutos, fauna e flora das chapadas, retirando os contributos do modo de vida dos geraizeiros, restringindo a possibilidade da agricultura de mandioca, amendoim, abacaxi, feijão catador e andu, assim como o

extrativismo de óleos, fibras, forragem para o gado, lenha e madeira para diversos fins. Essas práticas são fundamentais para o funcionamento do ecossistema do Cerrado e para a sobrevivências das famílias (D'Angelis Filho, 2016).

Mesmo diante desse cenário, os Geraizeiros organizaram-se de forma a reafirmarem suas identidades culturais, seus conhecimentos, crenças e tradições. Essas lutas, que eram também em defesa de um modo de vida, centravam-se na preservação das últimas nascentes que ainda restavam nas comunidades.

A resistência das comunidades de agricultores familiares à monocultura de eucalipto inicia-se desde a implantação da mesma, apesar de ter havido também muitas manifestações e apoio, principalmente devido às promessas de melhorias de condições de vida e emprego. Nas décadas de 1970/80 a ideia de desenvolvimento estava diretamente associada à industrialização, mecanização, havia a predominância da ideologia da Revolução Verde, do desenvolvimentismo (Brito, 2012, p. 7).

Os anos 2000 se apresentaram com um novo movimento desenvolvimentista/capitalista e uma nova onda de apropriação privada dos recursos naturais marca o início de um ciclo de transformações socioambientais e de valorização do capital natural da região na perspectiva de expansão do agronegócio. Por outro lado, as comunidades tradicionais passam a se organizar para garantir territórios e pela manutenção dos recursos naturais, essenciais para o seu modo de vida. [...] O movimento socioambiental das comunidades atingidas pela monocultura de eucalipto no norte de Minas Gerais-Brasil apresenta suas estratégias e se manifesta por meio de uma rede, a rede dos geraizeiros que busca enfrentar o avanço da monocultura e reapropriar suas terras expropriadas pelas empresas eucaliptocultoras com o apoio do Estado, as empresas também atuam em rede para planejar e executar suas estratégias na busca de manter e expandir suas áreas (Brito, 2012, p. 2-3).

Nesse embaraçoso processo de modernização conservadora (Aletejano, 2012), no qual o condicionante está no desenfreado acúmulo de capital, o meio ambiente, os povos e suas relações foram massacrados pelas ideologias desenvolvimentistas. Durante as ações predatórias promovidas pela injustiça ambiental e social, uma enorme diversidade de conhecimentos foi perdendo-se.

2.2 PRESERVAÇÃO VERSUS CONSERVAÇÃO

A ideia ocidental, eurocêntrica, desde a colonização e com seus efeitos até os de hoje, é que se deve haver uma suposta rivalidade entre seres humanos e natureza, derivada de seu dualismo. Assim, o desenvolvimento humano dependeria da exploração profunda, incessante e insensível do meio natural. Nessa visão, o estado da “natureza” é o do

primitivo; o natural é o exótico ainda não conquistado ou entendido; por sua vez, o estado dos “humanos” é o da civilização; o ser humano é racional (Quijano, 2005).

Enquanto a crise dos anos 80 desnudava a ilusão do desenvolvimento como saída para todos, a ideia do desenvolvimento sustentável veio dar novo fôlego à ideologia do desenvolvimento que entrava em fenecimento. A dívida externa, a dívida interna e a crise ambiental se movem para o centro do debate mundial, colocando em risco o sistema de suprimento dos países do Norte. O desejo de que o desenvolvimento fosse sustentável e humano, propagado desde os países cênicos, passou a ser a justificativa dos países do Norte e do Sul para ações humanitárias, perpetuando um sistema que mantém e aprofunda a exclusão, ao mesmo tempo em que pretende eliminá-la (D’Angelis Filho, 2016, p. 3).

Quando a crise ambiental toma lugar central nos grandes debates, surgem diferentes concepções e estratégias tomadas como alternativas a ela. O termo norte-americano *wilderness* (região selvagem) embasou os entraves entre o preservacionismo e o conservacionismo. O primeiro, defende a proteção integral, a “intocabilidade” de uma área, quando uma espécie, um ecossistema ou um bioma estão ameaçados. O segundo, apoia-se no uso sustentável em uma relação de proteção mais harmônica entre seres humanos e natureza. Diante disso, o conservacionismo mostrou-se menos biocêntrico que o preservacionismo (Silva, 2015).

Assim, a “proteção” do meio ambiente é tratada de duas maneiras distintas, a preservação da natureza a partir do olhar da ciência ocidental, na qual o ser humano é um fator de externalidade. E a conservação, praticada por povos tradicionais, na qual o humano, o natural, como também o sobrenatural, quando se considera os conhecimentos tradicionais, são interdependentes (Silva, 2015).

Mesmo que a política do preservacionismo tenha se sobressaído, por meio da implantação reservas biológicas e estações ecológicas⁷, dos parques nacionais e

⁷ “A Reserva Biológica (REBIO) é uma área natural instituída pelo poder público com o objetivo de preservação integral de todos os seres vivos daquele ambiente (biota) e demais atributos naturais, onde não é permitida interferência humana direta ou modificações ambientais. Essa categoria de Unidade de Conservação, assim como a Estação Ecológica, figura entre as mais restritivas às atividades dos seres humanos. A visitação pública é proibida exceto quando houver objetivo educacional. Pesquisas científicas precisam de autorização prévia e estão sujeitas ao plano de manejo de cada REBIO e às restrições do órgão responsável por administrá-la. Intervenções podem ocorrer para manejo, recuperação de ecossistemas alterados e preservação da biodiversidade” (OECOa, 2023, p. 1).

estaduais⁸ e das reservas particulares do patrimônio nacional⁹, todas essas modalidades sendo consideradas como Unidades de Proteção Integral (UPI), ela tem sido fortemente criticada, por desalojar populações tradicionais de seus territórios. Há ainda a crítica de que, as áreas preservadas no Brasil, transitaram entre preocupações estéticas e bases biofísicas para o desenvolvimento econômico da crescente globalização (Silva, 2015).

Foi no período da ditadura que muitas áreas de preservacionismo se instauraram, nesse sentido não é surpresa a falta de diálogo entre estado e comunidades tradicionais (Silva, 2015). Ainda hoje as unidades de conservação de uso direto, as Unidades de Uso Sustentável (UUS), são consideradas um mal investimento perante os grandes poderes. Os modos de vida dos povos autóctones ainda demoram a ser integrados nessas reservas, criticados como “interesses particulares”, desse modo, entre as várias unidades de conservação, uma que foi mais adequada para as comunidades tradicionais do Alto Rio Pardo foi a Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS), modalidade que só foi estabelecida, através de muita pressão popular.

Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS): é uma área natural que abriga populações tradicionais, cuja existência baseia-se em sistemas sustentáveis de exploração dos recursos naturais, desenvolvidos ao longo de gerações e adaptados às condições ecológicas locais e que desempenham um papel fundamental na proteção da natureza e na manutenção da diversidade biológica. Esse tipo de unidade tem como objetivo básico preservar a natureza e, ao mesmo tempo, assegurar as condições e os meios necessários para a reprodução e a melhoria dos modos e da qualidade de vida e exploração dos recursos naturais das populações tradicionais, bem como valorizar, conservar e aperfeiçoar o conhecimento e as técnicas de manejo do ambiente, desenvolvido por estas populações. A Reserva de Desenvolvimento Sustentável é de domínio público, sendo que as áreas particulares incluídas em seus limites devem ser, quando necessário, desapropriadas, segundo dispõe a lei. A Reserva é gerida por um Conselho Deliberativo, presidido pelo órgão responsável por sua administração e constituído por representantes de órgãos públicos, de organizações da sociedade civil e das populações tradicionais residentes na área. A visitação pública e a pesquisa científica são permitidas e incentivadas, embora sujeitas aos interesses e normas locais. A exploração de

⁸ Já os parques, nacionais ou estaduais, também permitem pesquisas científicas e desenvolvimento de atividades de educação, mas também incluem atividades de recreação e turismo ecológico (WWF, 2023, p.1).

⁹ “A iniciativa para criação de uma RPPN [Reserva Particular do Patrimônio Nacional] é ato voluntário de pessoas físicas ou jurídicas proprietárias de imóveis rurais ou urbanos que demonstram um potencial para a conservação da natureza. Uma vez que uma área se torna uma RPPN, embora o direito de propriedade se mantenha, ele não pode mais voltar atrás, o status de área protegida privada é perpétuo. Além da conservação da área natural, o proprietário da área reconhecida como RPPN desfruta de benefícios, tais como: a isenção do Imposto Territorial Rural (ITR) referente à área; a possibilidade de explorar e desenvolver atividades de ecoturismo e educação ambiental, desde que previstas no seu plano de manejo; a possibilidade de formalizar parcerias com instituições públicas e privadas na proteção, gestão e manejo da área; e preferência na análise de pedidos de concessão de crédito agrícola, junto às instituições oficiais de crédito” (OECOb, 2023, p. 1).

componentes dos ecossistemas naturais em regime de manejo sustentável e a substituição da cobertura vegetal por espécies cultiváveis são permitidas quando de acordo com o Plano de Manejo (ISA, 2023, p. 7).

As áreas habitadas por comunidades tradicionais têm mostrado maior abundância na biodiversidade do que em espaços que seguiram com o preservacionismo. Esse modelo é mais propenso a somar conhecimento e proteção para as áreas preservadas do que em territórios impedidos de qualquer interação humana. As unidades de uso sustentável oferecem maior facilidade em catalogar espécies, tanto flora quanto fauna (Oliveira, 2017).

Nesse sentido, a biologia da conservação aponta para uma relação de reforço mútuo entre a diversidade cultural e a diversidade biológica, indicando que os modos de vida das populações tradicionais colaboraram significativamente para a diversificação genética das espécies [...] Em contrapartida, a biodiversidade contribui de modo efetivo para a produção da diversidade cultural, visto que, para diferentes povos tradicionais, cada planta, grupo de animais, solo e paisagem corresponde a uma variedade linguística, a categorias de conhecimento, a usos práticos e sentidos religiosos distintos [...] (Silva, 2015, p. 237).

Os conhecimentos dos povos das tradicionais em espécies e terreno torna desnecessário meses de reconhecimento territorial para futuros inventários e análises, de uma forma menos exploratória e mais respeitosa, facilitando uma integração entre a cultura da ciência e a cultura do saber tradicional. Pensando em complementariedades, “um diálogo cooperador entre o conhecimento científico e os saberes tradicionais pode indicar saídas alternativas a uma conservação implicada com a perspectiva de valores de justiça social, participação popular e sustentabilidade” (Silva, 2015, p. 246).

Por sua vez, as lutas das comunidades tradicionais por unidades de conservação é para que elas atendam as particularidades dos seus modos de vida que não estão previstas nas leis de “preservação ou conservação”, pois muitas vezes criam-se entraves burocráticos que restringem o “uso” dos seus territórios.

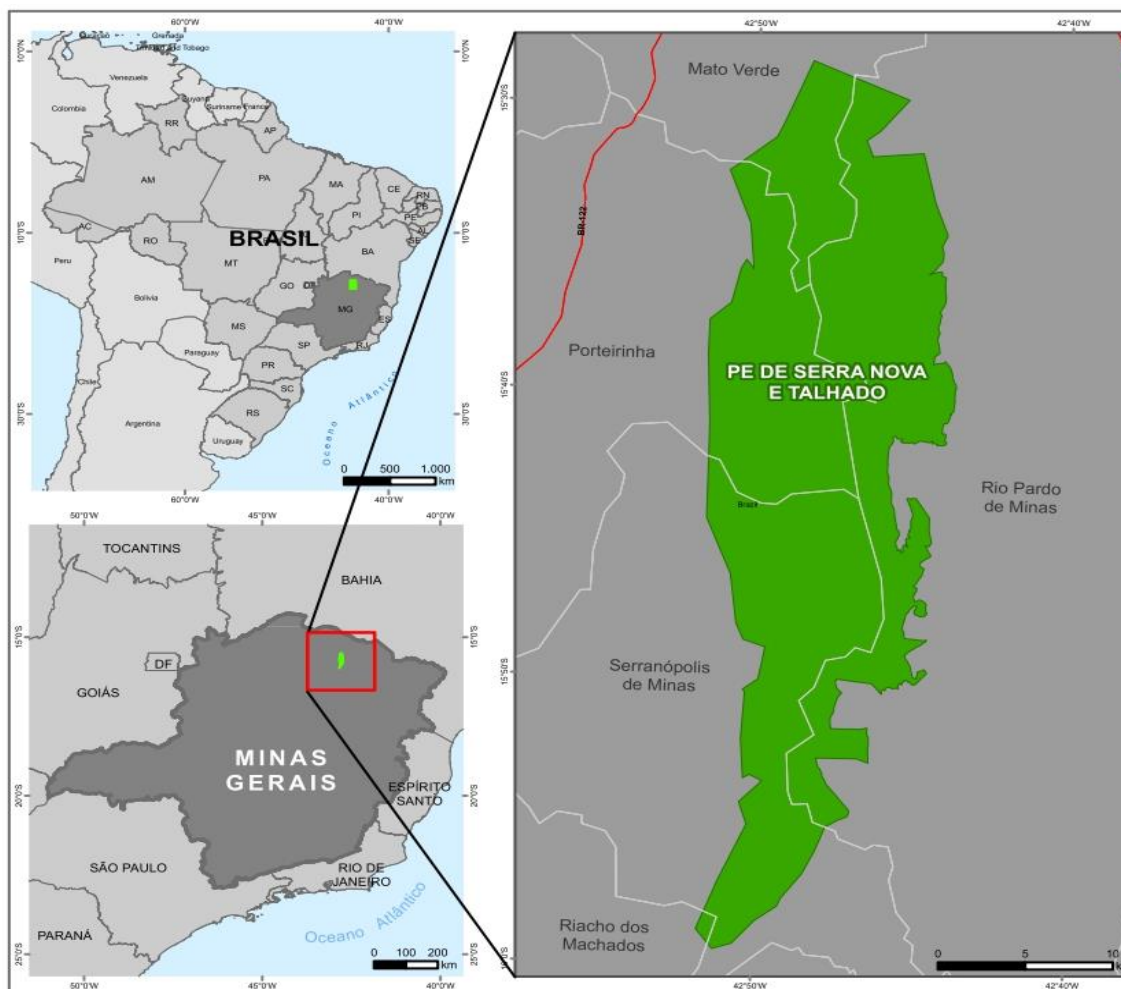
2.3 PARQUE ESTADUAL DE SERRA NOVA VERSUS RESERVA DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NASCENTES GERAIZEIRAS

No contexto de Rio Pardo de Minas (MG) e municípios próximos, a conservação e preservação da natureza é vivenciada em duas concepções distintas. A da cultura das

ciências ocidentais e da cultura dos povos tradicionais. Essas duas vertentes, caminharam em controvérsias em um território de aproximadamente 100 km de distância uma da outra.

A primeira, localiza-se nas redondezas da Comunidade Ilha das Cabras e percorre todo o povoado de Serra Nova. O parque Estadual de Serra Nova e Talhado que se estende por 49.890 hectares, comporta os municípios de Mato Verde, Porteirinha, Riacho dos Machados, Rio Pardo de Minas, Serranópolis de Minas (IEF, 2021).

Figura 03 - Mapa do Parque Estadual de Serra Nova e Talhado

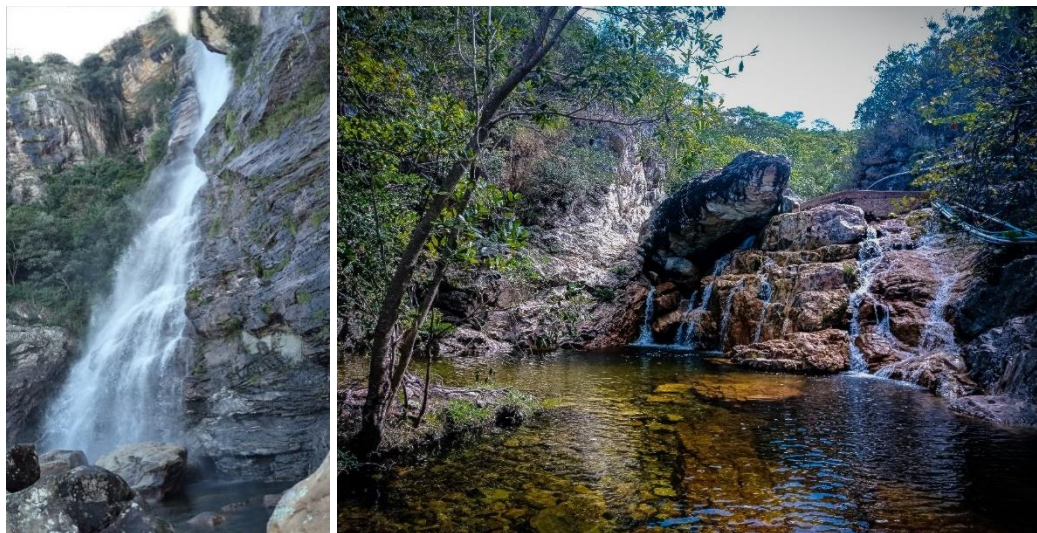


Fonte: Plano de Manejo, Parque Estadual de Serra Nova e Talhado, junho de 2020.

Segundo seu plano de manejo, o objetivo do parque está relacionado à proteção dos recursos hídricos e da diversidade biológica e tem trabalhado para isso com fiscalização, regularização fundiária e combates a incêndios florestais (Plano de Manejo/ Parque Estadual de Serra Nova e Talhado, 2020). Contam ainda com 50 nascentes e 3 importantes bacias hidrográficas: São Francisco, Pardo e Jequitinhonha além de abrigar inúmeras espécies de animais terrestres e aves, muitas delas em extinção. O Parque Estadual de Serra Nova e Talhado comporta inúmeras paisagens belíssimas o que tem

trazido grandes números de visitantes para o distrito de Serra Nova e demais regiões que fazem parte do parque. Alguns desses visitantes procuram apenas usufruir dos locais de banho, enquanto outros tem propósitos acadêmicos, entre outros.

Figura 04 – Cachoeira do Cerrado e Poço do Jacaré no Parque Estadual de Serra Nova e Talhado.



Fonte: acervo da autora, 2021.

Contudo, há uma crítica que permanece nesses 20 anos de criação do parque. Para muitos sujeitos que vivem aos arredores, há uma inviabilidade dessa unidade de conservação na modalidade de parque, pois no processo de criação deste muitas comunidades foram afetadas, perderam suas formas de trabalho, fonte de renda e parte de suas culturas, pois seu modo de vida dependia daquele território decretado como área de proteção integral, descarrilhando uma severa desvalorização e deslegitimação de práticas, histórias e tradições seculares das populações. Esse sistema de origem ocidental, acompanhado dos conceitos de desenvolvimento capitalista e modernização, negou os saberes e as organizações comunitárias que construíram um sistema agroextrativista sustentável que abastecia economicamente, culturalmente e tradicionalmente os povoados envolvidos nas áreas que hoje é o parque estadual. Até mesmo no plano de manejo do parque é mencionado:

A presença humana pretérita na região, de aproximadamente, 10.000 anos, é atestada pelos sinais artísticos ainda visíveis no PESNT [Parque Estadual de Serra Nova e Talhado] [...]. As cidades históricas, tanto de Serra Nova como de Rio Pardo, são provas de um povoamento antigo dessa região dos Gerais, povoamento resultante do encontro dos povos indígenas com bandeirantes e comunidades quilombolas, possibilitando o nascimento de uma cultura material “gerazeira” [...] que foi imortalizada nas descrições da Serra Geral

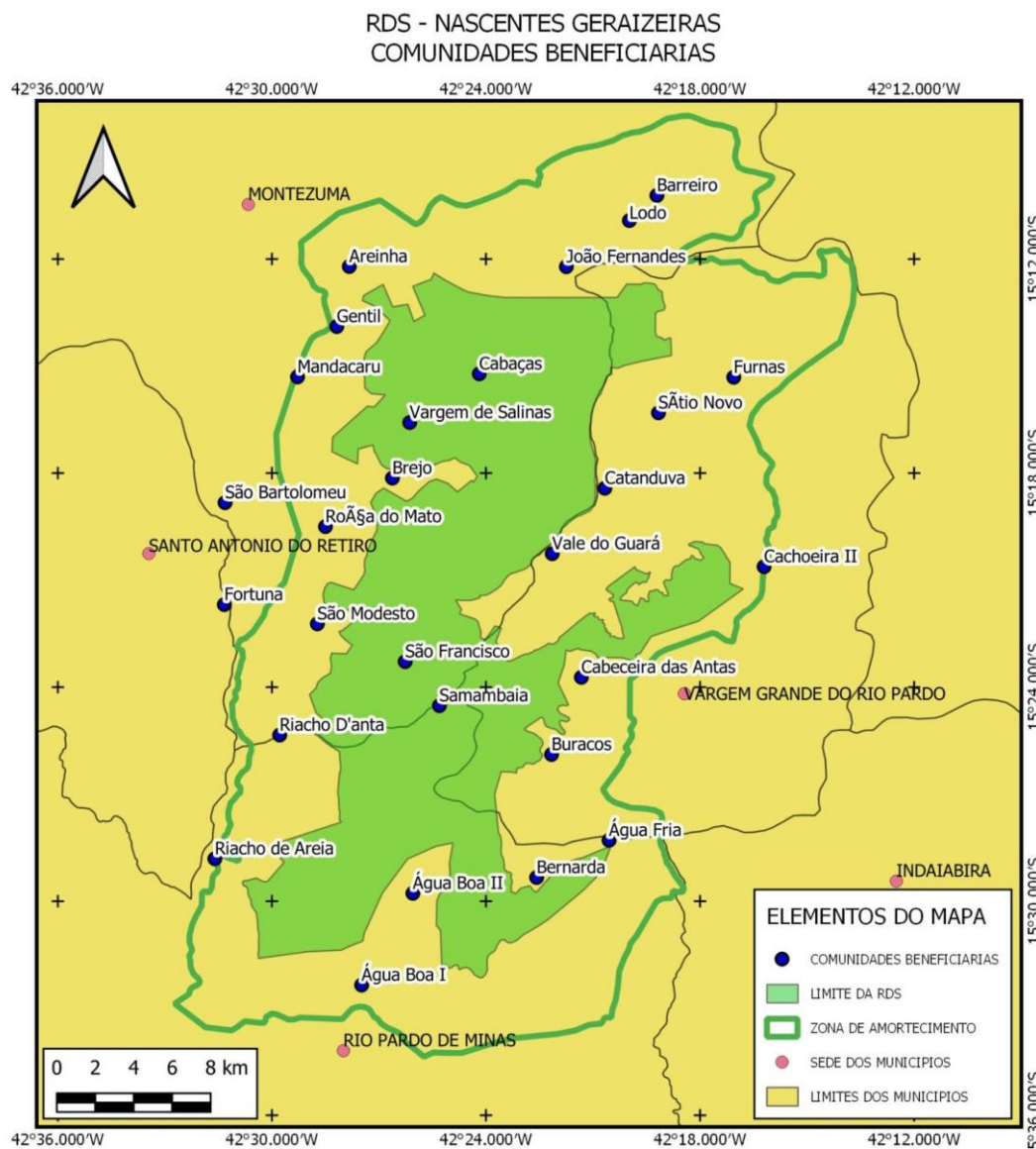
feitas por Guimarães Rosa em Grande Sertão Veredas (Plano de Manejo/Parque Estadual de Serra Nova e Talhado, 2020, p 10).

Mesmo assim sendo, casos como a da minha família são comuns na comunidade de Ilha das Cabras, onde os pais de família retiravam por gerações seus sustentos dos extrativismos de pedras de fornos de farinha, e foram vetados totalmente de exercerem suas atividades de forma sustentáveis. Até o momento atual não houve qualquer indenização a esses moradores que tiveram seus territórios arrancados de suas mãos e juntamente com ele se extinguiu parte das identidades desses sujeitos.

Uma controvérsia curiosa entre esse sistema de preservação e o próximo a ser descrito, reside no fato de que o “governo” protege as nascentes e as florestas, mas proíbe o uso das comunidades. Ao mesmo tempo, propostas de criações de grandes barragens dentro do perímetro do parque são discutidas por representantes políticos e outras corporações.

A segunda encontra-se nas redondezas da comunidade Água Boa II, trata-se de uma unidade de conservação, na modalidade de uso sustentável, intitulada Reserva de Desenvolvimento Sustentável Nascentes Geraizeiras (RDS-NG), já mencionada anteriormente. A RDS-NG constituiu-se a partir das lutas pela conservação das chapadas e dos povos que nelas vivem.

Figura 5 – Mapa da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Nascentes Geraizeiras (RDS-NG)



Várias comunidades espalhadas nas zonas rurais de Fruta de Leite, Indaiabira, Monteizuma, Novorizonte, Riacho dos Machados, Rio Pardo de Minas, São João do Paraíso, Santo Antônio do Retiro, Taiobeiras e Vargem Grande do Rio Pardo, assolados pela expropriação dos seus territórios, impossibilitados de exercer seus modos de vida, ainda não se viam obrigados a confrontar com as grandes empresas até que seus rios e córregos secaram. A estratégia foi a criação de unidades de conservação de uso sustentável, o que manteria a possibilidade das práticas agroextrativistas e, ao mesmo tempo, a revitalização dos territórios apanhados pela cultura do eucalipto.

O movimento dos atingidos pela monocultura de eucalipto alertou para as consequências da expansão da monocultura, para a importância do Cerrado para as comunidades geraizeiras, valorizando seu saber ecológico e os direitos do modo de vida. A escassez de terra é um problema dos geraizeiros da região. Com o intuito de resguardar uma das poucas áreas remanescentes de Cerrado, algumas comunidades da rede de geraizeiros pleitearam a constituição de uma unidade de conservação (UC). (Brito, 2012, p. 14).

A comunidade tradicional Água Boa II, do município de Rio Pardo de Minas (MG), participou amplamente dessa luta, pois seu território estende-se até as chapadas do Areião, local conhecido como terras gerais, sem uso exclusivo, todos os moradores colhiam frutos, lenhas, madeiras, plantas medicinais entre outros. O que vinha a ser de grande importância para a construção e permanência dos acervos acumulados de conhecimentos e dinâmicas ecológicas. Devido aos ataques a esses territórios, os moradores criaram o movimento “Guardiões do Cerrado”, na tentativa de guardar as chapadas do Areião. A partir daí, deu-se início a criação da Reserva de Desenvolvimento Sustentável, que mais tarde acrescenta ao seu nome a expressão Nascentes Geraizeiras, devido às nascentes que brotam nas chapadas (Agostinho; Crepalde, 2018).

Figura 6 – Bandeira do movimento geraizeiro, Guardiões do Cerrado.



Fonte: Sara Gehren, 2015. Retirado de: <https://fotossintesebrasil.myportfolio.com/geraizeiros>.

Figura 7 – Caminhada na Chapada do Areião (Reserva de Desenvolvimento Sustentável Nascentes Geraizeiras RDS-NG).



Fonte: Breno Lima, 2018. Retirado de: <https://fotossintesebrasil.myportfolio.com/geraizeiros>.

Foram dez anos até que a Reserva fosse criada através do Decreto Federal de 13 de outubro de 2014. Apesar das dificuldades, essas terras vieram a ser uma unidade de conservação de uso sustentável, chamada Reserva de Desenvolvimento Sustentável Nascentes Geraizeiras (RDSNG) (Brito, 2012; Oliveira, 2017).

Após tanto tempo de enfrentamentos, expectativas acerca de trâmites morosos, várias reuniões e viagens à Brasília – DF, atualmente a RDS Nascentes Geraizeiras é uma unidade de conservação decretada e implementada, gerida pelo ICMBio. A gestão deste território tradicional vem se fortalecendo e dando resultados significativos nos mais diversos aspectos. Segundo os gestores da UC, a participação social vem aumentando desde a constituição do Conselho Gestor da Unidade de Conservação, que obrigatoriamente é formado por representantes das comunidades geraizeiras, membros do órgão gestor e da sociedade civil residente, conforme Decreto no 4.340/2002 e, portanto, deve articular os conhecimentos e as práticas locais de manejo dos recursos naturais, os conhecimentos técnicos dos gestores e a legislação ambiental na construção do plano de gestão e manejo da RDS (Melo et. al, 2021, p. 19).

Várias comunidades são membros da Reserva de Desenvolvimento Sustentável-Nascentes Geraizeiras (RDS-NG) e muitas outras expressam o desejo de fazer parte desse mesmo movimento. Numa proposta educativa e conscientizadora há a realização de oficinas com a comunidade e o ICMBio (Melo et. al., 2021). As 28 comunidades do entorno, com aproximadamente 500 famílias, localizam-se em uma área de transição de

biomas, Cerrado, Mata Atlântica e Caatinga, o que proporciona uma grande variedade natural, em fauna e flora, proporcionando o cenário perfeito para o extrativismo e/ou a criação de cooperativas de frutos do Cerrado. As chapadas também suportam a criação de gado, apesar da controvérsia, pois esses animais podem destruir nascentes devido ao grande número de vezes que essas fontes são pisoteadas. Mas esta é uma prática tradicional e de importância econômica para a comunidade, a solução foi cercar estas nascentes, evitando o contato direto com a gado.

[...] a RDS Nascentes Geraizeiras demonstra que é possível conservar sem isolar, e gerir de forma compartilhada, utilizando de forma colaborativa conhecimentos locais e técnico-científicos. Para essas comunidades, a dimensão ecológica, os valores sociais e a espiritualidade caminham lado a lado; há uma relação de interdependência e responsabilidade com a natureza, e não ocorre dicotomia entre produção e conservação. O uso múltiplo garante a conservação e a utilização sustentável do Cerrado, inclusive com geração de renda e qualidade de vida (Melo et. al, 2021, p. 25).

Contrariando todo o princípio capitalista, a sociobiodiversidade une harmonicamente produção e conservação, ressaltando um equilíbrio entre dimensões econômicas, culturais e ambientais. Melo e outros autores (2021) ressaltam que as incessantes lutas e o modelo de desenvolvimento que surgiu das práticas de preservação, não seriam capazes de instaurar a RDS-NG sem o reconhecimento da tradicionalidade deste povo.

CAPÍTULO 3 - OS CONHECIMENTOS TRADICIONAIS E A MARCA DA ESPIRITUALIDADE

Neste capítulo abordamos a hierarquia e a assimetria da ciência ocidental e a dicotomia entre as ciências modernas e outras formas de produzir conhecimento, as epistemologias emergentes, assim como o diálogo entre saberes, segundo o estudioso, Boaventura, a Ecologia de Saberes, na qual os conhecimentos tradicionais, como também os populares, artesanais e locais são igualmente válidos tal como os conhecimentos científicos. Discutimos ainda algumas características observadas em pesquisa de Crepalde e outros autores (2019), que nos ajudam a identificar marcas presentes nos conhecimentos tradicionais e entre elas nos aprofundaremos na espiritualidade e seu papel nas lutas sociais.

3.1 A MONOCULTURA DA CIÊNCIA MODERNA VERSUS A ECOLOGIA DE SABERES

Desde o surgimento da ciência moderna e, especialmente, a partir da colonização e do eurocentrismo, todo e qualquer conhecimento que não se tratar do cientificamente comprovado é desconsiderado e/ou até mesmo insultado. Nesse discurso sobre as ciências, produziu-se uma dicotomia entre ciência ocidental e outras formas de produzir conhecimento. Adentrando nessa discussão, Boaventura de Sousa Santos analisa social e politicamente as grandes desigualdades decorrentes da colonização que tomaram como base o poder de um único método válido de produzir conhecimento, o da ciência moderna. Assim, as desigualdades sociais possuem uma dimensão epistêmica; a injustiça social global também é uma injustiça cognitiva; e a colonização mantém seus efeitos até os dias de hoje operando um verdadeiro epistemicídio, isto é, a destruição de formas de saber locais, à inferiorização de outros, desperdiçando-se a riqueza de experiências presentes na diversidade cultural (Santos, 2003, 2018, 2019).

O controle mundial das ciências repousa sobre a desqualificação dos diversos processos/métodos de produzir conhecimento originados historicamente nas periferias (comunidades, povos, territórios, entre outros) e que insistiram por resistir e existir garantindo um modo de vida que não se volta completamente para o sistema capitalista, seja por discordar integral ou parcialmente dele e/ou de sua lógica de sobrevivência. É por tal motivo que estes saberes são agredidos e silenciados, pois causam incômodo para

as políticas colonizadoras e repressivas. Repelindo um insurgente processo cognitivo que não idealiza o controle, o individualismo e o acúmulo de capital, os “modernos” declaram um único método de constatar conhecimento, gerando uma gama de epistemicídio por todo o mundo.

O epistemicídio trata-se da inviabilidade ou ocultação (morte) das inúmeras experiências, contribuições epistemológicas geridas nas culturas, nas práticas sociais, nas tradições de inúmeros povos e comunidades tradicionais. O desaparecimento de outros saberes, que não sejam os da ciência moderna, faz parte de uma política dominante de opressão que foi e está sendo utilizada sutilmente, porém, muito eficazmente, inclusive pelas instituições de ensino.

Apesar do grande desperdício de experiência dos povos do Sul epistemológico, seus saberes sobrevivem nas práticas do dia a dia, são experimentados, validados e adaptados quando necessário, são transmitidos pela oralidade, afirmam a possibilidade de um outro mundo possível (Santos, 2003).

Um único método, um mesmo padrão de validade e um mesmo critério de verdade aplicado para tantas epistemologias certamente deixaria lacunas num mundo tão diverso. Foram estas desestabilidades que levaram ao desenvolvimento da formulação das epistemologias do Sul, segundo Santos (2018, p. 25) “há epistemologias do Sul porque há epistemologias do Norte”.

As epistemologias do Sul são um conjunto de procedimentos que visam reconhecer e validar o conhecimento produzido, ou a produzir, por aqueles e aquelas que têm sofrido sistematicamente as injustiças, opressão, a dominação, a exclusão, causadas pelo capitalismo, pelo colonialismo e pelo patriarcado, os três principais modos de dominação moderna (Santos, 2018, p. 24).

A Ecologia de Saberes se opõe a monocultura da ciência moderna. Essa ecologia reconhece a diversidade dos conhecimentos heterogêneos, inclusive a ciência ocidental, culminando numa sustentação dinâmica entre todos eles, sem comprometê-los. Essa “contra epistemologia” impulsiona o surgimento de novas políticas, de novas visões de mundo e a proliferação de novas alternativas. O objetivo da Ecologia de Saberes é aprender outro conhecimento sem esquecer o próprio, dando lugar aos saberes científicos e não científicos, pois ambos são válidos, e assim tornar a sociedade menos excludente e mais justa (Santos, 2003).

Em contraposição à dominação epistêmica da ciência moderna, aos epistemicídios, aos desperdícios de experiências, as desigualdades sociais e as injustiças

cognitivas, as epistemologias do Sul e a Ecologia de Saberes afirmam-se como alternativas interculturais de um novo pensamento (pós-abissal¹⁰) com o propósito de fortalecer a luta contra o capitalismo, o colonialismo e o patriarcado (Santos 2003, 2018, 2019).

3.2 OS CONHECIMENTOS TRADICIONAIS E AS SUAS MARCAS

Como mencionado anteriormente, a implantação de unidades de conservação de uso sustentável veio no sentido de barrar ou ser pelo menos um contraponto importante para atrasar os ditos “processos de desenvolvimento” (Melo et. al, 2021). Essas unidades só se tornaram possíveis devido à grande gama de conhecimento que provém das práticas sociais dos povos tradicionais, especialmente no nosso caso estudado, dos geraizeiros, garantindo uma política de manejo sustentável e viável aos modos de vida dentro desses territórios tradicionais.

Os conhecimentos tradicionais que nasceram ou podem nascer das relações com a natureza são observados, experimentados e validados, afinal, se não o fossem teriam desaparecido. Assim, as práticas sociais relacionadas ao uso e a conservação da sociobiodiversidade produzem e reproduzem conhecimentos.

Cabe reafirmar a dimensão social dessas práticas uma vez que sua recorrência não se dá de modo arbitrário, neutro e isolado. Pelo contrário, práticas sociais são ideológicas, têm sua história, estão envolvidas em relações de poder e fazem parte do mundo simbólico e cultural das suas comunidades de origem (Crepalde et. al, 2019, p. 279).

Segundo Crepalde e outros autores (2019, p. 278), o conhecimento tradicional pode ser entendido como

[...] discurso associado às práticas sociais, que têm sua gênese na tradição e luta populares, comumente transmitido pela oralidade e, predominantemente, organizado pelo modo narrativo. Trata-se de discurso que se opõe como resistência (epistemológica) aos processos de colonização tal como a ideologia da modernização conservadora propagada pelo agronegócio (Crepalde, et. al., 2019, p. 278).

¹⁰ Segundo Santos (2003, 2018, 2019) o pensamento moderno ocidental é um pensamento abissal, pois cria abismos a partir de distinções visíveis e invisíveis entre culturas, sociedades e economias. De tal modo que o lado da linha Norte, como no período colonial, dita os padrões (deles próprios) que devem ser seguidos ou pelo menos imaginados que possam ser seguidos por aqueles que estão do outro lado da linha, o Sul.

Tais conhecimentos não surgem do espaço vazio, dependem do local, a ligação entre a identidade e o espaço/lugar/meio. As comunidades tradicionais são grupos culturalmente diferenciados que constroem formas próprias de entendimento da natureza.

É complicado desassociar as práticas sociais e o conhecimento tradicional, principalmente quando estas estão em um mesmo contexto social, histórico e ambiental. Pois são das práticas/experimentação que surge o conhecimento. Na comunidade de Água Boa II, por exemplo, as práticas sociais relacionadas à preservação das chapadas constroem os conhecimentos tradicionais nascidos das lutas de resistência, ou são engajados nelas, ganham corpo, mente e alma. Esses saberes tradicionais são produzidos a partir das práticas sociais, o que lhes dão como característica ser fruto de uma sistemática empiria na e com a natureza, assim possuem valor epistêmico, mesmo que não sejam submetidos aos métodos de validação da comunidade científica.

Nesse sentido, Crepalde e outros autores (2019) discutem dez marcas ou características dos conhecimentos tradicionais que puderam ser observadas em discursos sobre práticas sociais tradicionais e/ou do campo, ao longo de pesquisas. Em seguida, apresentamos o Quadro 1 com uma breve descrição de cada uma das marcas, segundo os autores.

Quadro 1 – Os conhecimentos tradicionais e suas marcas

Local	Fortemente demarcado pela relação entre a identidade e o espaço (território, <i>terra como identidade</i>) de pertencimento do sujeito. Assume uma relação mais profunda com o espaço, dependente do contexto, restrita, não generalizável.
Monista	Considera a realidade (<i>espiritual e física</i>) como um todo. Não assume dualismos tais como: mente x corpo, sujeito x objeto, natureza x cultura, material x não-material.
Holístico	As partes mantêm inter-relações com o todo e não podem ser isoladas. Também se refere a um equilíbrio/harmonia dos aspectos mental, espiritual, emocional e físico do ser. <i>Todas as partes da vida estão inter-relacionadas.</i>
Relacional responsivo	O mundo das relações é responsivo e exige o exercício da alteridade. <i>Na medida em que experimentamos o mundo também somos vivenciados por ele. É um ato recíproco.</i>
(Des)conhecido	Constante fluxo na natureza que produz realidades

	compreensíveis e incompreensíveis. Não há a expectativa de compreensão de “tudo”. <i>Exercício da humildade.</i>
Validade	Validade baseada no conteúdo, seu contexto, e não na sua capacidade preditiva. Se usam-existe-vive hoje, então é válido. Admite explicações divergentes. <i>Conhecimento da natureza como ela é e não como ela funciona.</i>
Dinâmico	Transformado de geração em geração, sempre contemporâneo. Não é uma repetição, as informações são experimentadas, comparadas e produzidas à “luz” de cada geração.
Sistematicamente empírico	Profunda observação e experimentação do mundo natural.
Temporalidade	Distintas temporalidades convivem harmonicamente: indissociáveis do sujeito; tempos cíclicos (não há início e fim).
Espiritualidade	Fluxo permanente de “algo” que perpassa os sujeitos, os fenômenos físicos e não físicos e tende a buscar equilíbrio e harmonia na existência. Diferente de religião ou paradigma concorrente ao da ciência.

Fonte: Crepalde e outros autores (2019, p. 282).

Essas marcas ou características nos auxiliam no reconhecimento dos conhecimentos tradicionais, primeiro procedimento das Epistemologias do Sul e da Ecologia de Saberes (Santos, 2003), empregados no cotidiano de camponeses, agricultores familiares, trabalhadores rurais, extrativistas, pescadores artesanais, dentre outros que produzam suas condições materiais de existência a partir do trabalho no/do campo.

Para nosso propósito de pesquisa damos destaque especial à marca da espiritualidade, sem prescindir das demais marcas, pois devemos compreendê-las de modo integrado e constitutivas do modo de ser e existir de povos e comunidades tradicionais. Isto é, a espiritualidade presente em uma prática de uso e conservação da sociobiodiversidade é indissociável do seu caráter local; da observação, da empiria e da abertura à mudança (dinâmico) de quem a desenvolve; de pressupostos mais holísticos e monistas; de considerações que assumem o (des)conhecido e sua validade baseada em conteúdo; e, na adoção de outras temporalidades e relações responsivas.

O modelo objetivista da ciência ocidental presume que a espiritualidade não faz parte, tampouco pode ser considerada quando pensamos na produção de conhecimentos sobre a natureza. Entretanto, as comunidades tradicionais ribeirinhas, indígenas e rurais assumem uma epistemologia que não despreza os conhecimentos adquiridos nas experiências do dia a dia e nem das percepções espirituais.

Além disso, o ocidentalismo capitalista é intrinsecamente a favor da centralidade do indivíduo e da dominação da natureza, ao passo que povos e comunidades tradicionais prezam pelo cuidado e o comum, justamente este fluxo de união solidária entre indivíduo e natureza que se conceituará como fato espiritual. A espiritualidade, além de todas suas outras definições, é também um desafio, por não se tratar puramente de algo vivo ou não, trata-se de sentido, de pertencer em alguma quantia da totalidade do universo (Santos, 2021).

A espiritualidade não pertence apenas aos seres de alma, mas também aos objetos e aos símbolos que representam de alguma maneira sentido, afeto para algo ou para alguém. O “conceito de espiritualidade foi, entretanto, apropriado pela filosofia, pela psicologia, pela psiquiatria, pela medicina, pelo serviço social e até pela literatura de autoajuda” (Santos, 2021, p. 1). Curiosamente, podemos levar em consideração dois tipos de espiritualidade “a que se alimenta da superioridade da vida humana em relação a toda a outra vida planetária por ser a vida dos únicos seres ‘espirituais’” e uma outra espiritualidade “que floresce na submissão humilde dos seres humanos à avassaladora imensidão da vida cósmica” (Santos, 2021, p. 3). Ressalto ainda o fato de que “para a primeira, a natureza pertence-nos, para a segunda, pertencemos à natureza” (Santos, 2021, p. 3).

A espiritualidade é sempre a experiência de um encontro especial, não trivial, particularmente intenso da pessoa humana, isolada ou em comunidade, com o que a transcende. A transcendência é o modo como um ser finito pensa o infinito. A possibilidade deste modo de pensar talvez seja a característica que mais especificamente distingue a vida humana da vida não humana no planeta (Santos, 2021, p. 2-3).

Boaventura de Sousa Santos (2014) em *Se Deus fosse um ativista dos direitos humanos* diz que “devemos ter em mente que a distinção material/espiritual é uma distinção ocidental” (Santos, 2014, p. 139). Cabe dizer que a espiritualidade é exercida a cada particularidade local, inclusive, veremos isso focado na comunidade rural de Água Boa II, que apesar de ser predominantemente católica, onde se crê que os únicos seres de

alma seja o humano, realiza movimentos contra a devastação da natureza, que os fazem exercer a espiritualidade horizontal (Santos, 2014; 2021).

Essa espiritualidade horizontal possivelmente descende dos conceitos do cristianismo da libertação (Lowy, 2016) e se faz presente nos movimentos/enfrentamentos sociais e políticos, que estão embebidos de espiritualidade e se expandiram por toda América Latina. Semeando desejos e possibilidades de um mundo mais justo e menos desigual, a articulação entre fé e política, encontrou profundo enraizamento nos povos e comunidades tradicionais. Este foi o exemplo do trabalho das Comunidades Eclesiais de Base (CEB's¹¹).

Mais precisamente, é a expressão de um vasto movimento social que surgiu no começo da década de 1960, bem antes dos novos escritos teológicos. Esse movimento envolveu setores significativos da Igreja (padres, ordens religiosas, bispos), movimentos religiosos laicos (Ação Católica, Juventude Universitária Cristã, Juventude Operária Cristã, redes pastorais com base popular, Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), bem como várias organizações populares criadas por ativistas das CEBs; clubes de mulheres, associações de moradores, sindicatos de camponeses ou trabalhadores etc. Sem a existência desse movimento social não poderíamos entender fenômenos sociais e históricos de tal importância como a emergência do novo movimento operário no Brasil e o surgimento da revolução na América Central (bem como, em épocas recentes, Chiapas). Normalmente, refere-se a esse amplo movimento social/religioso como “Teologia da Libertação”, porém, como movimento surgiu muitos anos antes da nova teologia e certamente a maioria de seus ativistas não são teólogos, esse termo não é apropriado; algumas vezes, o movimento é também chamado de “Igreja dos Pobres”, mas, uma vez mais, essa rede social vai bem mais além dos limites da Igreja como instituição, por mais ampla que seja sua definição. Proponho chamá-lo de *Cristianismo da Libertação*, por ser um conceito mais amplo que “teologia” ou que “Igreja” e incluir tanto a cultura religiosa e a rede social, quanto a fé e a prática (Lowy, 2016, p. 73-74).

O potencial emancipatório da espiritualidade esteve e ainda permanece vivo nas lutas de gênero, de classes e ambientais, inclusive, o movimento do Cristianismo da Libertação coincide com o momento de resistência de muitos povos e comunidades tradicionais do Norte de Minas contra a destruição do Cerrado na década de 1970. Importa ressaltar ainda que, muitos movimentos sociais que buscam pela justiça social se orientam

¹¹ As comunidades eclesiais de base (CEB's) são pequenos grupos organizados em torno da paróquia (urbana) ou da capela (rural), por iniciativa de leigos, padres ou bispos. As primeiras surgiram por volta de 1960, em Nísia Floresta, arquidiocese de Natal, segundo alguns pesquisadores, ou em Volta Redonda, segundo outros. De natureza religiosa e caráter pastoral, as CEB's podem ter dez, vinte ou cinquenta membros. Nas paróquias de periferia, as comunidades podem estar distribuídas em pequenos grupos ou formar um único grupão a que se dá o nome de comunidade eclesial de base. É o caso da zona rural onde cem ou duzentas pessoas se reúnem numa capela aos domingos para celebrar o culto.

por questões espirituais e materiais ao buscarem a luta por seus direitos, bem como quando propõem alguma nova política pública (Lowy, 2016).

[...] No entanto, na América Latina, ambas têm um significado muito mais amplo e, mesmo quando permanecem autônomas, desenvolve-se um elo verdadeiramente dialético entre elas. Conceitos tais como “trabalho pastoral” ou “libertação” têm um significado que é tanto religioso quanto político, tanto espiritual quanto material, tanto cristão quanto social (Lowy, 2016, p. 78).

Lowy ainda explica que, historicamente, de modo hegemônico, a igreja estabeleceu uma espiritualidade que favorecesse o crescimento econômico do catolicismo, em contrapartida o cristianismo da libertação, bem como as CEB's, assume uma espiritualidade oposta aos valores do capitalismo moderno (Lowy, 2016).

A espiritualidade aqui discutida não se trata de um dogma ou doutrinação. As comunidades tradicionais têm seus próprios e singulares modos de conduzir a espiritualidade e, na maior parte dos casos, a espiritualidade transcende a religião, pois está associada a uma fé ativa presente nas lutas, nos enfrentamentos socioambientais e a busca de construir um mundo melhor para as nossas e futuras gerações (Lowy, 2016).

A espiritualidade (horizontal) tem sido ignorada pelas políticas hegemônicas por exercer práticas contra hegemônicas manifestadas muitas vezes nas lutas que buscam mudanças nas estruturas sociais que são causa do sofrimento humano injusto. Percebemos que a este ponto, a espiritualidade, muito usada pela militância, trata-se de uma política contra a repressão colonialista. Inclusive, todos os movimentos sociais são repletos de símbolos que passam uma ideologia e um sentimento para além do físico e material. A *mística* tão presente nos movimentos de camponeses é um exemplo disso (Santos, 2014, 2021).

[...] A espiritualidade gera uma poderosa energia motivadora que, se for canalizada para as lutas progressistas pela justiça social, poderá reforçar a credibilidade das visões que mobilizam os ativistas e fortalecem a sua vontade. Tem sido este o caso das comunidades eclesiais de base na América Latina inspiradas na teologia da libertação [...] (Santos, 2014, p. 144).

O conhecimento que aqui é contextualizado pelas lutas em preservação das chapadas, bem como do uso e conservação da sociobiodiversidade retrata essa mistura entre o racional e as emoções, entre o material e o não material, entre o físico e o espiritual. A espiritualidade é fonte de força e esperança, bem como é responsável por dar

traços humanos a humanidade intensificando a partilha, a compaixão e o respeito entre as pessoas de uma coletividade.

CAPÍTULO 4 – A ESPIRITUALIDADE NO USO E NA CONSERVAÇÃO DA SOCIOBIODIVERSIDADE EM ÁGUA BOA II

Neste capítulo expomos sobre as festas religiosas da comunidade Água Boa II, como a festa do padroeiro: Sagrado Coração de Jesus, mas especialmente as Romarias do Areião e como elas entrelaçam a espiritualidade no uso e conservação. Em seguida, vemos como a defesa das chapadas do Areião estão carregadas de sentidos, conhecimentos e espiritualidade a partir de uma entrevista dada por uma moradora de Água Boa II, que foi analisada buscando a compreensão sobre a espiritualidade e de sua marca enquanto constitutiva dos conhecimentos tradicionais nos discursos sobre uso e conservação da sociobiodiversidade de Água Boa II.

4.1 AS FESTAS RELIGIOSAS DA COMUNIDADE ÁGUA BOA II

Os festejos religiosos apresentam-se como uma grande característica de Água Boa II, e ocorrem durante todo ano, a depender da data de comemoração dos santos e santas previstos pela Igreja Católica. A comunidade festeja o Natal, o dia de Nossa Senhora de Aparecida, o dia de São José, os Santos Reis: onde acontece as catiras, as danças e trocas de versos acompanhados por instrumentos como violões, pandeiros, timbau, cavaquinho e outros.

Ressaltam aos olhos a energia espiritual que é exalada nos festejos juninos, em louvor a São João Batista, que acontecem justamente no mesmo mês dos festejos do padroeiro da comunidade. Durante à noite de vésperas do dia santo de São João Batista, muitas casas montam suas fogueiras de grandes e pequenas proporções pois, naquela noite, as luzes emitidas pelas brasas das fogueiras vão iluminar a noite, como um sinal de respeito e devoção a São João Batista. Após o acendimento das fogueiras, todos reúnem-se na igreja da comunidade para a realização da missa de encerramento da festa do padroeiro: Sagrado Coração de Jesus.

Em observação participante realizada no dia 24 de junho de 2022, às 19:00 horas, a comunidade Água Boa II deu início a noite de encerramento das nove noites de novenas. A festa começa com a missa que é cheia de momentos de pequenas encenações, como entradas de bandeiras das pastorais que são responsáveis por organizar toda a festa: Pastoral da Criança, Pastoral da Crisma, Pastoral Familiar, Pastoral da Juventude, entre outras. Como forma de expressar a fé e o respeito por Nossa Senhora, sua imagem é

colocada em frente ao altar e as crianças vestidas de branco, representando anjos, levam manto, cedro, coroa e flores para encenarem a coroação de Nossa Senhora.

Durante os momentos de reflexão dos evangelhos são introduzidas falas sobre gerações passadas dos moradores, que descendem de coronéis e escravizados e que há inúmeras doenças ou situações que são consequências dos pecados cometidos por avós e bisavós nos anos que prevaleceu o coronelismo. Dentro da igreja, acredita-se em consequências dos pecados/desobediências, por exemplo, segundo a história de Adão e Eva, quando viviam no Éden tudo era perfeito, após comerem do fruto proibido, caíram em pecado e como consequência os homens teriam que sofrer para sustentar sua família e as mulheres passariam a sentir fortes dores para dar à luz aos seus filhos. Ou seja, as atrocidades que os coronéis impuseram aos escravizados podem ter deixado consequências até as gerações atuais, como doenças e falta de prosperidade, entre outros.

Após o final da missa todos saem em busca da bandeira em uma casa, próxima a igreja, de um morador responsável por ornamentar a bandeira. A caminhada, assim como a chegada é repleta de fogos de artifícios de todas as qualidades, foguetes, chavinhas, bombas, traques, entre tantos outros. As cantigas são características dos costumes católicos e são cantadas por todo caminho percorrido pela bandeira. É de companhia indispensável os foliões, que vieram de comunidades próximas para incrementar o cortejo da bandeira, que vem acompanhada de tambores, violas, violões, pandeiros, chocalhos e sanfonas. Antes da sua levantada, são dadas três voltas contornando a fogueira, cantando e tocando os louvores tradicionais da comunidade. Assim que a bandeira está no alto do mastro, um show de fogos é protagonizado pelas crianças e mais uma vez os foliões animam a festa com as catiras, jogando versos e dançando. Após todos os eventos terminados da noite, são servidos biscoitos e cafés para todos que estão na festa, nesse momento de socialização todos os participantes conversam entre si e na maioria são contados causos de antigamente. E assim encerra-se a festa do padroeiro: Sagrado Coração de Jesus em Água Boa II.

A espiritualidade vivenciada em Água Boa II, além de ser sentida, é festejada, de modo que entrelaçam os movimentos de luta pelas chapadas do Areião, os festejos culturais e os conhecimentos tradicionais. E, conseqüentemente, montam espaços socioculturais que fortalecem e reafirmam suas identidades e seus sentidos espirituais, que buscam justiça, proteção e direitos. No caso de Água Boa II, fica visível essa mistura espiritual e a conservação, principalmente se observamos os causos contados durante as socializações finais da novena do padroeiro que, na maioria das vezes, se trata do alívio

por serem uma comunidade Geraizeira inserida em um território de uma Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS).

Figura 8 – Levantada da bandeira na Festa do padroeiro Sagrado Coração de Jesus em Água Boa II



Fonte: da autora, 2022.

Por esse motivo que, inserir-se superficialmente nesse cenário, pode ocorrer o equívoco de confundir espiritualidade com religiosidade, entretanto estudiosos como Lowy (2016) e Santos (2021) discutem que desde o fim da Segunda Guerra, a espiritualidade e a religião têm tomado concepções diferentes, pois a religiosidade se volta prioritariamente para a relação entre Deus e homem (seres humanos), enquanto a espiritualidade atravessa o conceito conservador e arcaico do sentido religioso e fortifica/energiza as lutas sociais.

4.2 A ROMARIA DO AREIÃO DO ANO DE 2021

10ª Romaria do Areião

No domingo, dia 03 do mês de outubro de 2021, às 7 da manhã, algumas pessoas da comunidade de Água Boa II reuniram-se ao lado da igreja: Sagrado Coração de Jesus, num pequeno salão aguardando o início da romaria. Momentos antes, chega à carroça vários sacos com biscoitos (derivados do polvilho/goma) e garrafas de sucos, mas este não é o café que será servido antes da longa caminhada.

Em uma mesa encostada na parede, garrafas de cafés, mais forte, mais fracos, sem e com açúcar. Várias qualidades de biscoito (com polvilho produzidos na comunidade ou comprados das comunidades vizinhas). É importante ressaltar, o carisma e carinho da acolhida aos visitantes que todos os moradores têm. Após o café da manhã e a chegada do pároco, reunimos na igreja onde acontece um pequeno momento de oração e após explicam a programação da romaria e os palestrantes apresentam-se. A pouca quantidade de pessoas deste ano, aproximadamente 60 romeiros estão relacionados ao momento frágil de retomada de atividades que exigem aglomerações, mesmo em cenário de pandemia.

Figura 9 – Reunião para esclarecimentos antes da subida da Romaria



Fonte: Da autora, 2021.

No início da caminhada são distribuídos objetos simbólicos que representam as lutas, as identidades e a fé da comunidade, por exemplo, a bandeira do movimento MST (Movimentos dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), peneira com frutos característicos do Cerrado, que são colhidos nas chapadas dentro da reserva de desenvolvimento sustentável (RDS), imagem do santo São Francisco de Assis, defensor dos animais e da natureza

reconhecido assim pela igreja e uma bandeira bordada com um poema que mostra um pouco das histórias de resistências.

A subida que é bastante íngreme inicialmente faz ligação entre a zona de amortecimento e a área da RDS que conta com 38 mil hectares de preservação, assim contada pelos moradores. Apesar da falta de fôlego e o esforço físico que o caminho pedregoso e o Sol extremamente quente causam, os romeiros catam e tocam violão, a maioria dos cantos são religiosos ou nascidos dos movimentos de luta, às vezes até gritos de guerra ou até mesmo versos que representam a identidade de Geraizeiros.

Figura 10 – Cantorias na Romaria do Areião 2021



Fonte: Valdir Dias, 2021.

Durante o percurso há algumas paradas para palestra ou para relembrar os movimentos de lutas pela conquista da RDS, principalmente, quando há pessoas que participam pela primeira vez, uma forma de contar suas histórias. No ponto em que se encontra a placa do ICMBio (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade), demarcando o território de aproximadamente 38.177 hectares. É o momento no qual os moradores aproveitam para falar das alianças entre comunidades que sofrem com depredações ambientais por empresas gananciosas, comunidades estas que em sua maioria já estão intituladas como geraizeiras, outras ainda não, porém, têm o mesmo objetivo, a preservação do meio ambiente. Aparecem fortemente nas falas dos moradores a gratidão pelo ICMBio, que é órgão fiscalizador das áreas de reserva. Local onde também tive a oportunidade de falar sobre meu trabalho de pesquisa do mestrado, sobre seus objetivos e parabenizar a comunidade pela escolha da criação da RDS, que trabalha em e com a comunidade, pela comunidade. Contrariamente a uma criação de parque que veta

qualquer participação da comunidade, usam e abusam das desapropriações de terra, identidades e culturas.

Figura 11 – Roda de conversa sobre a pesquisa da autora deste trabalho



Fonte: Da autora, 2021.

Observei, de crianças a idosos, terem uma paixão pela conquista e pelas lutas. Pode ser exagero meu, mas quanto mais árdua foram as batalhas, mais valor parece ter a reserva. Uma das senhoras que caminhava ao meu lado conta que eles iam para as chapadas e levavam alimentos para serem preparados lá, porque assim evitavam a entrada de máquinas que estavam desmatando.

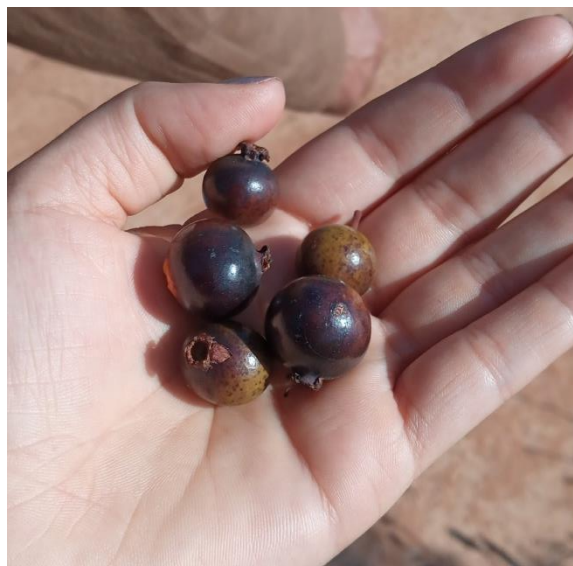
Figura 12 – Primeira parada da Romaria de 2021



Fonte: Da autora, 2021.

Ao longo do caminho deparamos com um pé de gabioba, paramos para provar, (muito docinha) e eles (moradores) já jogaram o verso “*meu chapéu caiu gabioba, lá no bebedor gabioba, meu amor pegou gabioba*”, entre outros versos.

Figura 13 – Fruta Gabioba



Fonte: Da autora, 2021.

Segundo os romeiros, a reserva estende-se por 38 mil hectares, mas há vários proprietários de terras dentro deste território e muitos deles são empresários que roubam terras comuns, por exemplo, compram 20 hectares a preço de banana, cerca de 30, somando 50 hectares de desmate, mais conhecido como grilagem. Podíamos ver durante o percurso da romaria várias áreas ainda com plantio de eucalipto. Quando questionei alguns moradores, responderam que o ICMBio fez alguns acordos com proprietários para mais uma ou duas colheitas dos eucaliptos que já estavam plantados e após esse período deixariam a terra recompor-se. Uma moradora diz que o instituto trabalha com um conselho e dentro deste há representantes das comunidades e outras instituições que são parceiras e todos têm voz.

Figura 14 – Chapada do Areião com plantação de eucalipto durante a Romaria de 2021



Fonte: Da autora, 2021.

É inegável a presença da espiritualidade e a força que ela atribui aos movimentos de lutas de Água Boa II, a todo momento eles pedem ou agradecem a Deus por alguma coisa. A realização da Romaria do Areião, por exemplo, se faz no dia 4 de outubro, pois nessa data se realiza os louvores ao santo São Francisco de Assis (defensor do meio ambiente). Se sente a energia, a convicção da fé em Deus, que nada teria sido realizado sem sua presença. São inúmeras testemunhas dessa força recebida do céu, mas duas mulheres deram testemunho de como se sentiram desfalecidas diante as ameaças de morte, e como último suspiro, abriram a bíblia, que segundo elas nunca saíram de suas mãos, e nesse momento, leram um versículo que as davam instrução e entusiasmos para prosseguir, chegaram a falar que a partir de um momento deram suas vidas às lutas pela reserva.

Nessa caminhada de mais de duas horas de subida, passamos por duas estátuas de aproximadamente 2 metros de altura, a imagem de Jesus de braços abertos e Nossa

Senhora de Aparecida de cor negra no alto das rochas (imagino o trabalho que deve ter dado a construção dessas imagens em um lugar de tão difícil acesso) e é realmente lindo, cada uma tem um motivo para serem construídas, mas não me ficou muito claro (talvez pagamento de promessa).

Figura 15 – Imagem do Cristo no alto da chapada do Areião



Fonte: Da autora, 2021.

Logo quando chegamos na capela, uma carroça puxada por um burro estava a nossa espera carregada de biscoitos e sucos, exatamente aquela que deparamos assim que chegamos na igreja. Há uma estrada que dá acesso a carroças, animais e motos, inclusive alguns moradores foram por lá (alguns jovens) para assistirem a missa, mas a maioria que ali estavam faz preferência pela subida a pé. Tomamos o café com sucos de polpas feitas por eles mesmos. A celebração da missa teve duração de uma hora aproximadamente e todos se sentaram em volta da pequena capela mesmo com o sol escaldante. Em alguns momentos durante a missa os moradores e o padre apresentam as bandeiras dos movimentos e os frutos característicos do Cerrado, assim como a bíblia, todos esses levados por crianças.

Figura 16 – Celebração da Romaria de 2021



Fonte: Valdir Dias, 2021.

Com o término da celebração pegamos um outro caminho que passava pelas nascentes de córregos. Passamos por uma mata fechada até desaguarmos nos córregos de águas cristalinas. Um momento depois partimos novamente em fila única, pois de outra forma não conseguimos atravessar a vegetação. Uma fala de uma romeira me chama bastante atenção, quando ela me pergunta se estou cansada. Digo que sim. Ela me fala sobre a possibilidade de fazer a Romaria com veículos, pelo menos parte do percurso, mas o padre tomou a frente do movimento e disse que todos tinham que ir a pé. Ela ainda diz que, este ano não, mas em outros quando voltar as normalidades, são diversas as pessoas que vem participar, várias instituições, pessoas de outras religiões, que este movimento precisa e quer a presença da igreja, do padre, mas não é um evento deles. Como se ela estivesse dizendo que não queria que o movimento se tornasse comandado pela igreja, mas pela comunidade. Assim que chegamos à igreja, há um almoço para todos, com muita diversidade de alimentos. A maioria dos alimentos são plantados e colhidos na comunidade. Ao invés de uma monocultura, eles diversificam suas plantações, e apesar da pequena área de terra para produzir alimento, cada família planta uma pequena quantidade de várias culturas. Não pude participar, mas para a finalização do dia havia ainda um teatro com as crianças. O cansaço é imenso, mas a vontade de conhecer mais é ainda maior.

Apesar da tentativa de controle organizacional por parte da igreja, a romaria não se trata puramente de penitência ou pagamento de promessa, foi um movimento que partiu de uma consciência social e uma inquietação espiritual, portanto, esse espaço se abre para as identidades culturais, para outras vivências espirituais, para pesquisas, para

universidades que queiram de alguma forma somar ao propósito da RDS, para organizações como é o caso da ICMBio.

Figura 17 – Finalização da Romaria de 2021



Fonte: Valdir Dias, 2021.

4.3 A ROMARIA DO AREIÃO DO ANO DE 2022

11ª Romaria do Areião

No dia 09 de outubro de 2022, às 07h00, na igreja da comunidade Água Boa II, é oferecido um café com biscoitos para todos os presentes da 11ª Romaria do Areião. Depois de 30 minutos, inicia-se uma reunião, que antecede a longa caminhada dentro da reserva, com a presença de aproximadamente 90 pessoas: moradores da comunidade Água Boa II, líderes de organizações que foram de grande importância para lutas pela RDS-NG, como por exemplo, um representante do sindicato de Rio Pardo de Minas. O propósito desse momento é dar orientações quanto a caminhada (como exemplo, o local de parada), e apesar da romaria do ano passado (2021) não estabelecer um tema específico, as falas deste ano (2022) foram sobre: “Senhor fazei de mim um instrumento de vossa paz”.

Uma das organizadoras do evento, pede para que o padre e o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Rio Pardo de Minas pronunciem algumas palavras. Durante a roda de conversa, algumas discussões lançam mão de metáforas que conjugam fé e política. Por exemplo, o padre diz que a cruz representa duas instâncias: a vertical liga os seres humanos a Deus e a horizontal ligam nós e as criações de Deus, isso envolve nosso próximo e a natureza como um todo. Mas adiante ele diz que, parte da igreja, isso é, alguns líderes espirituais, tanto católicos, protestantes, espíritas e outros, não se preocupam ou mesmo não se envolvem com movimentos voltados para a proteção do meio ambiente. O presidente do sindicato faz fala que destaca a “corrente opressora” do capitalismo e do progresso, daqueles que vivem voltados para o dinheiro e isso não é a única coisa que precisamos. Após os esclarecimentos, é dado como tarefa para alguns dos romeiros levar a oração de São Francisco de Assis e a bandeira do movimento “Geraizeiros: guardiões do Cerrado” durante a subida da chapada.

Figura 18 - Subida da Romaria de 2022



Fonte: Da autora, 2022.

Este ano em comparação ao ano passado, no cenário pós pandemia, podemos dizer que a romaria ainda está voltando aos poucos ao normal, houve anos que havia um número bem maior de pessoas. De início, notamos que o percurso da romaria havia mudado de local, pois desta vez subimos a chapada por uma estrada feita há poucos dias por maquinários especializados, mesmo assim a subida íngreme ainda insistia em nos voltar para traz.

Foram distribuídos folhetos com os cânticos e salmos do dia para acompanharmos os violões, pandeiros e caixas, entretanto, a falta de fôlego era um empecilho.

Ao passarmos do terreno mais difícil da subida, chegam ainda algumas pessoas montadas a cavalos e outros de motos. Há a possibilidade de ir de moto ou de carro até o local da capela, porém a preferência da maioria das pessoas foram de ir a pé, como uma forma de pagamento de promessa e em agradecimento pela reserva. Um senhor que andava ao meu lado dizia: “esses dias aí atrás estava muito quente, Deus é tão bom que para nós subir aqui hoje, ele mandou chuva para refrescar a terra e não bater o vapor quente em nós”.

Durante a caminhada podemos notar alguns comentários relacionados à natureza e logo após um agradecimento a Deus. Quando chegamos nas imagens de aproximadamente um metro ou um metro e meio de Jesus com braços abertos e Nossa Senhora de Aparecida, é feita uma nova parada e o padre toma novamente a fala. Ele conduz explicando um pouco sobre o significado de alguns nomes que é dado aos rios ou córregos e as relações que eles têm com os santos da igreja. Por exemplo, na reserva tem uma nascente chamada Nascente da Santana, segundo ele, este nome refere-se a Santa Ana, mãe das águas.

Figura 19 – Imagem do Cristo e de Nossa Senhora



Fonte: Da autora, 2022.

Após essa parada, caminhamos até a pequena capela localizada no alto da reserva, onde houve a realização da missa, mas antes já havia café, sucos e biscoitos esperando por nós. A missa, que teve duração de uma hora e meia, contou com reflexões relacionadas ao Cerrado, suas árvores e frutos, também teve apresentações de alguns frutos do Cerrado com as crianças cantando a oração de São Francisco de Assis.

Senhor, fazei-me instrumento de vossa paz. Onde houver ódio, que eu leve o amor, onde houver ofensa, que eu leve o perdão, onde houver discórdia, que eu leve a união, onde houver dúvida, que eu leve a fé, onde houver erro, que eu leve a verdade, onde houver desespero, que eu leve a esperança, onde

houver tristeza, que eu leve a alegria, onde houver trevas, que eu leve a luz. Oh mestre, fazei que eu procure mais consolar que ser consolado, compreender que ser compreendido, amar que ser amado. Pois é dando que se recebe, é perdoando que se é perdoado, e é morrendo que se vive para a vida eterna. Amém! (Oração de São Francisco de Assis).

Ao final, a tradição é descer por dentro da reserva e passar pelo córrego da Nascente Santana, apesar da mata fechada prolongar o tempo de descida, ela ajuda a esconder do Sol. Entretanto, vale o sacrifício quando chegamos no córrego, a água cristalina que, segundo alguns romeiros, tem até poderes curativos. Seguimos o carrasco¹² adentro por onde cria-se animais como gado e cavalos. Nesse ponto, dois carros com carrocerias que servem ao ICMbio vieram buscar as pessoas e levar para o almoço, pois já era bem tarde, umas 13:00hs. O almoço estava deveras maravilhoso, com farofa de frango e de carne, ovos cozidos e arroz.

Pude perceber que houve grande preparação por parte da comunidade em ter o cuidado de renovar as pinturas das imagens dos santos ao longo do caminho, assim como a melhoria nas estradas, o cuidado em cobrir o local da missa para os fiéis ficarem debaixo, com suporte de carros para levar e buscar alimentos, cadeiras, entre outros. Alguns romeiros infelizmente não conseguiram fazer todo o percurso por problemas de saúde e voltaram, mas felizmente estão bem. Ainda há plantações de eucalipto dentro da reserva, mas o ICMbio já negocia um período para que essas plantas sejam retiradas de dentro da reserva, já que novas plantações desse cultivar são proibidas.

Em síntese, tradicionalmente, todos os anos a distribuição do café é necessária, pois não se trata apenas de saciar a fome ou de reforçar as energias calóricas, mas sim do sentido solidário, da dádiva da troca, que se dá nas barganhas de experiências, dos casos, e em Água Boa II, das lutas pelas chapadas, dos combates corpo contra máquinas, como relata nossa entrevistada (durante a entrevista da próxima subseção).

¹² Termo usado para designar diferentes tipos de vegetação arbustivos de pequeno porte em solo pedregoso típico de chapadas em áreas de transição entre Cerrado e Caatinga.

Figura 20 – Romaria de 2022



Fonte: Da autora, 2022.

Água Boa II apresenta um contexto encharcado pela presença da espiritualidade e da sociobiodiversidade, esses conceitos fazem parte das características identitárias culturais dessa comunidade tradicional Geraizeira. No entanto, na primeira observação das Romarias, apenas dois elementos me ressaltavam aos olhos, a fé e a conservação da natureza, mas após reflexões e aprofundamentos teóricos, a segunda observação veio com mais riqueza de sentidos e elementos que fazem parte da construção de um sistema de sociobiodiversidade pautado no respeito, na presença espiritual, no senso de justiça e que atravessa qualquer parâmetro colonial eurocêntrico que foi instituído pela sociedade capitalista moderna.

A partir dessas observações, ou melhor, vivências com a comunidade, foi possível ver o entrelaçar da força espiritual e das lutas pelo uso e conservação da biodiversidade em movimentos como na festa do padroeiro: Sagrado Coração de Jesus e ainda mais nas Romarias do Areião. Entretanto, a espiritualidade presente na festa do padroeiro ainda carrega muito mais o sentido religioso fechado da doutrina católica do que o sentido espiritual que impulsiona as políticas sociais, apesar de não as negar. As Romarias carregam o valor espiritual de modo que não podem ser negados, contudo, a espiritualidade experimentada nas romarias trata-se de um conceito mais aberto e

abrangente que inclui as necessidades sociais, mas que não deixa de lado a transcendência do físico e não físico, do visível e não visível. É nessa mistura que Água Boa II festeja as romarias que celebram a conquista da RDS graças a energia motivadora da espiritualidade (Santos, 2014) que fortalece suas lutas pela preservação das chapadas.

Tanto a festa do padroeiro quanto as Romarias há um momento em que eles (moradores) expressam gratidão pela proteção de seus territórios, mas vejo a sociobiodiversidade ganhar mais força nas romarias, claramente porque a espiritualidade horizontal vivenciada pelos romeiros abre-se à justiça social. Ou seja, a Romaria se expressa nessas duas formas espirituais, pelo menos. Horizontal como movimento do povo e interação ativa com o ambiente e suas lutas. Vertical como uma fé institucionalizada, mediada e significada por símbolos da igreja, e, portanto, também passiva em alguns momentos.

4.4 A ESPIRITUALIDADE PRESENTE NOS DISCURSOS SOBRE USO E CONSERVAÇÃO DA SOCIOBIOODIVERISADE EM ÁGUA BOA II

A espiritualidade gera uma poderosa energia motivadora que, se for canalizada para as lutas progressistas pela justiça social, poderá reforçar a credibilidade das visões que mobilizam os ativistas e fortalecem a sua vontade. Tem sido este o caso das comunidades eclesiais de base na América Latina inspiradas na teologia da libertação [...] (Santos, 2014, p. 144).

Nesta subseção expomos trechos da transcrição da entrevista semiestruturada, bem como da nossa discussão sobre a espiritualidade presente em discursos sobre o uso e conservação da sociobiodiversidade em Água Boa II. Como já mencionado no capítulo 1, Percursos Metodológicos, realizamos uma entrevista que foi transcrita e objeto de nossa análise.

A entrevista com Joana aconteceu no salão do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Rio Pardo de Minas (MG), no dia 04 de janeiro de 2023, com duração de 43 minutos, na qual utilizamos dois aparelhos celulares para gravação dos áudios das interações. Como mostra os trechos a seguir.

Pesquisadora: A senhora mora há quanto tempo na comunidade?

Joana: Está fazendo quarenta anos.

Pesquisadora: Então você nasceu lá né?

Joana: Não! Eu vim da comunidade Buracos, que... no município de Vargem Grande do Rio Pardo, e, vim com 17 anos para atuar como professora leiga.

Pesquisadora: ah... você era professora então, então já faz bastante tempo que... como que é, você ainda dar aula?

Joana: Não, eu parei no ano de 91, e continuei como agricultora, fazendo minhas atividades do campo né, e voltei a estudar com mais de 50 anos.

Pesquisadora: Você parou de dar aula por que... você não quis mais ou você aposentou?

Joana: Na verdade é por que era... uma...um trabalho que eu estava fazendo para necessidade né, muito grande da comunidade, mas aquilo não era né... uma coisa desejada por mim, que e queria, eu sempre gostei mais, do campo, de...cultivar roça, então... eu fui até onde deu, onde eu já estava muito cansada já, eu trabalhava com 80 crianças, tinha minhas filhas pequenas, então virou um..., tumultuou muito as atividades, e eu percebi que aquela aula, não estava assim progredindo muito sabe, e eu estava muito cansada, e foi preciso que eu saísse da comunidade, por que o pessoal não queria que eu parasse de dar aula, eu tive que sair da comunidade, para que outra professora tomasse, e desse continuidade.

Pesquisadora: Quando e como você ouviu falar pela primeira vez sobre algo relacionado à conservação/preservação na comunidade? Era relacionado a qual situação?

Joana: Na verdade...essa...esse vínculo nosso com o Cerrado, com a biodiversidade é desde que a gente nasceu, que gente extraia fruto do Cerrado para alimentação, e... a gente conviveu né, tinha muita essa ligação com o campo e com o extrativismo, só que...quando eu vim para Água Boa II, vi isso muito mais forte que era na minha comunidade.

Compreendemos que há uma variedade de classes sociais e, atualmente, vem crescendo e tornando mais comum tornar visível diversos grupos sociais: negros, mulheres, LGBTs, indígenas, camponeses etc. De uma forma ou de outra, é inegável que sofremos de alguma maneira com desigualdades, injustiças, dominação, exclusão e desvalorizações, entre outros. Adentrando nesse cenário social do campo/camponeses, por exemplo, é forte as marcas da desvalorização e das injustiças que sofreram ao longo dos anos. Sua existência, assim como suas práticas sociais e seus conhecimentos foram negados, e muito disso se deu a partir da grande onda desenvolvimentista, carregada de valores ocidentais, que decorre pós-revolução verde (D'Angelis Filho, 2016; Santos, 2003). Entre tantas adversidades, negar o direito a educação está entre os deveres do estado mais negados a população do campo ou realizado com baixíssima qualidade. Como um movimento de resistência ao descaso no setor da educação voltado para o campo, Joana como professora leiga, lecionava para 80 crianças, mesmo tendo que sustentar sua família a partir do sustento da roça. A chegada do sistema de ensino de base “comum” nas zonas rurais é relativamente recente e regida por políticas eurocêntricas, o que leva os sujeitos camponeses a apagarem seus próprios conhecimentos e práticas e

cultuar um único método de produzir conhecimento urbano, o da ciência moderna, o que acarreta um verdadeiro epistemicídio.

Joana ainda nos chama a atenção para o vínculo que as populações tradicionais têm com seus territórios, “*Na verdade...essa...esse vínculo nosso com o Cerrado, com a biodiversidade é desde que a gente nasceu*”, isto é, suas identidades, culturas, espiritualidade, economia e conhecimentos partem do meio no qual se relacionam, e pouco se fala do Cerrado, nos debates políticos de preservação ou até mesmo nas instituições de ensino. Segundo Carlos Valter Porto-Gonçalves, a constituição de 1988 não compreendeu o Cerrado como um dos patrimônios nacionais, mas apenas a Mata Atlântida e a Amazônia, “por causa de um profundo desconhecimento da sociedade brasileira sobre esse bioma, um desconhecimento que se estende ao meio científico” (Porto-Gonçalves, 2014, p. 162). Mesmo sem o reconhecimento político necessário e os ataques constantes aos territórios e povos do Cerrado, esses sujeitos construíram um sistema autossustentável que rege todo o seu modo de vida. Como nos conta Joana.

Pesquisadora: Ah... Então, na sua comunidade você já tinha...

Joana: Já tinha esse hábito de usar os frutos do Cerrado, de extrair cipó, para fazer balaio, minha mãe faz balaio, eu também faço, então a gente já tinha essa convivência né, e... o de fazer o óleo do pequi para alimentação, mas a gente não comercializava, fruto do Cerrado a gente sempre coletou para alimentar. E aí quando eu vim para Água Boa em 82, aí eu vi isso muito forte, sabe? A ligação do pessoal de Água Boa com o Cerrado e... o aproveitamento dos frutos para alimentação e também para a geração de renda... era muito forte. Tanto que a chapada do Areião era um lugar de festa no tempo de... da coleta do pequi, que o pessoal subia... praticamente toda a comunidade lá para coletar [...] tudo ao mesmo tempo! era uma festa e... a estratégia deles para demarcar território e cada um ficar no seu canto coletando era gritar [...] para avisar, para chamar para ir embora. Algumas pessoas iam para esse lugar, é... morar durante a safra [...] ficava lá, levava as panelas, levava tudo, carro de boi, carriola, e ficava lá durante a safra para tirar o óleo.

Pesquisadora: Então ficava ali 02 meses praticamente?

Joana: Praticamente esse tempo, e extraia muito óleo, tinha gente que chegava a 400, 500 litros de óleo por safra, tinha família.

Pesquisadora: Mas aí, vendia, né?

Joana: Vendia, era o único recurso que eles tinham para pegar um dinheiro, para roupas sandálias, até alimentos era na safra do pequi, do araticum... então o Areião era uma chapada muito importante para essas comunidades, foi daí que eu comecei retomar, porque também, posso dizer que, teve assim... quase que uma ruptura de modo de vida, nesse intervalo, porque, entre 75, é...80 a gente envolveu também no plantio do eucalipto, trabalhando nas empresas, contra a vontade do meu pai, mas a gente foi, ele ficava muito revoltado por que a gente estava deixando a roça, deixando o extrativismo, deixando uma vida saudável, para entrar num... num... regime de escravidão, era isso que ele

falava pra gente. E perdendo nossos hábitos, nossas culturas [...] aí quando eu vim para Água Boa, eu já comecei a retomar esse vínculo de novo com o Cerrado, com extrativismo e via isso muito forte, via o povo se sustentar daquilo ali, né? Porque, para nós, na minha comunidade a gente não sustentava basicamente do Cerrado porque, meu pai tocava mais roça né, colhia bastante, meu pai vendia, é... comercialização de... da agricultura, do feijão, da farinha, da rapadura, já em Água Boa o pessoal tinha essa força de... econômica do extrativismo.

As práticas sociais, assim como os conhecimentos tradicionais dos povos autóctones, que foram tidos como atraso a modernização (Crepalde et. al, 2019), obtêm o peso de se reafirmarem ao longo dos anos e mesmo que essas práticas e esses conhecimentos ganhem características a luz de cada geração, eles se mantem fiéis as primeiras configurações e são reproduzidos até os dias atuais. E é verdade que, desde a chegada do capitalismo industrial, essas comunidades tradicionais têm resistido as transformações que modificam substancialmente as tradições e costumes milenares.

As comunidades tradicionais do campo pouco ou não tiveram acesso a políticas públicas, além disso pouco se falava sobre esses sujeitos, pois nem “humanos” eles eram considerados para serem sujeitos de direitos. Além disso, como já vimos, para os povos e comunidades tradicionais, a natureza não é objeto que deve estar sempre a serviço dos humanos, os humanos fazem parte da natureza e devem ser vistos de modo integrado a ela, assim, pensar em direitos para esses sujeitos significa pensar em direitos extensíveis a aquilo também considerado não humano.

Identifico três tensões que, ao mesmo tempo, são constitutivas da presente turbulência e representam um desafio para uma ressignificação emancipatória dos direitos humanos à luz das epistemologias do Sul. A primeira diz respeito à tensão entre o direito ao desenvolvimento e a incessante devastação ambiental do planeta. A segunda refere-se à tensão entre as aspirações coletivas de povos indígenas, afrodescendentes e camponeses e o individualismo que marca o cânone originário dos direitos humanos. A terceira refere-se à tensão que resulta da inadequação da linguagem de direitos, e em particular dos direitos humanos, para reconhecer a existência de sujeitos não humanos (Santos; Martins, 2019, p. 42-43).

Desse modo, umas comunidades mais que outras desenvolveram sistemas econômicos e culturais pautados na espiritualidade, no humanismo, na compaixão e no respeito mútuo. Joana, nos conta que, desde o ano de 1982, quando ela chega em Água Boa, a presença de práticas sociais voltadas ao extrativismo era ainda mais forte que atualmente, ou que em sua comunidade de nascença. *“Tanto que a chapada do Areião era um lugar de festa no tempo de... da coleta do pequi, que o pessoal subia... praticamente toda a comunidade lá para coletar [...] tudo ao mesmo tempo! era uma*

feira [...] Algumas pessoas iam para esse lugar, é... morar durante a safra [...] ficava lá, levava as panelas, levava tudo, carro de boi, carriola, e ficava lá durante a safra para tirar o óleo. Houve um momento que toda a sociobiodiversidade desses moradores foi ameaçada, houve uma breve ruptura, um distanciamento identitário, quando as reflorestadoras com o cultivo de eucalipto chegam ao Norte de Minas e oferecem empregos com a promessa de desenvolvimento (Brito, 2012; Oliveira, 2017). Joana diz que seu pai, como morador e extrativista, chama esse momento de “*regime de escravidão*”, que mesmo depois da sua passagem, ainda deixou consequências prejudiciais ao modo de vida dos povos tradicionais do Cerrado.

Pesquisadora: Mas no caso, você participou da plantação do eucalipto em Água Boa II?

Joana: Não! [...] lá no município de Vargem Grande, pouco tempo, alguns meses só também, porque a gente não ficava o ano inteiro, era só alguns meses assim que a gente não estava envolvido com a roça, a gente... então, isso foi quase uma ruptura, e também trouxe algumas coisas negativas para nosso modo de vida, que foi utilizar adubos químicos, é... venenos que a gente via a firma fazer isso, e muitas vezes a gente acabou envolvendo com esse sistema, mas a gente trabalhava sempre agroecológico, e essa retomada, ela foi feita logo depois que eu vim para Água Boa, que a gente conheceu a pastoral da criança, depois da pastoral da criança, conheceu o Centro de Agricultura de Montes Claros. O momento forte de transição mesmo, desse modo, que a gente tinha levado esse impacto, gente retomou rapidamente, conhecendo o Centro de Agricultura Alternativo de Montes Claros, que é o CAA, e aqui o sindicato também, que deu uma voltada, porque assim, nossa religiosidade ela foi baseada na comunidades eclesiais de base, então ela já tinha assim, colocado essa consciência, educava a gente para uma consciência crítica em relação do que estava acontecendo no entorno, sobre essa questão mesmo agroecológica, só que, às vezes, na época a gente não sabia tanto valorizar.

Pesquisadora: Então essa questão da valorização já é desde... já nasceu dentro da religião, né?

Joana: Já nasceu dentro da religião e dos modos de vida geraizeiros, né.

Ignorando as crescentes devastações ambientais, a gestão política da época servia em “bandejas de madeira” incentivos fiscais e financeiros as empresas produtoras de eucalipto (Brito, 2012), que como dito anteriormente, deu origem as rupturas identitárias e cultural, nos modos de trabalho, como por exemplo, a inserção de adubos químicos e venenos nas plantações. Entretanto, apenas a crescente seca que assolava a região, serviu de gatilho para as tomadas de decisão contra as devastações ambientais da chapada do Areião. Algumas organizações, como o Centro de Agricultura Alternativo de Montes Claros, o CAA, se organizaram juntamente com a comunidade, oferecendo apoio e

arranjo político, com planos de retomada de território, frente aos poderes estadual e federal como nos mostra D'Angelis Filho e Dayrell.

Porém, com o começo do término dos primeiros contratos de arrendamento realizados pelo governo mineiro com as reflorestadoras, no final dos anos 1990, as comunidades geraizeiras da região do Alto Rio Pardo iniciam um amplo movimento social visando resgatar pelo menos os 170 mil hectares de terra arrendados anteriormente. Agora mais organizados e com propostas mais concretas sobre as potencialidades dos Cerrados como estratégia de revitalizar a economia fragilizada dos pequenos municípios, reocupando-a com mão de obra e recuperando as águas e a vitalidade dos ecossistemas locais, o povo dos Gerais apresenta aos governos mineiro e federal o Projeto de Reversão Agroextrativista da Monocultura do Eucalipto, que visa beneficiar diretamente pelo menos três mil famílias de geraizeiros (D'Angelis Filho; Dayrell, 2016, p. 5).

De forma significativa, a espiritualidade presente e cultivada nas comunidades tradicionais geraizeiras tiveram um papel crucial na retomada de território. A *“religiosidade ela foi baseada nas comunidades eclesiais de base, então ela já tinha assim, colocado essa consciência, educava a gente para uma consciência crítica em relação do que estava acontecendo no entorno”*, diferentemente da fé pregada de cima pra baixo dentro das igrejas católicas, de forma conservadora e rígida, onde se cria uma bolha onde só entra Deus e os humanos. As Comunidades Eclesiais de Base (CEB's) se baseiam na teologia da libertação, conectando espiritualmente com todos demais seres, animais, plantas, águas e outros (Lowy, 2016).

Pesquisadora: Hoje em dia, na sua visão, quais são as principais práticas que a comunidade desenvolve visando à conservação/preservação?

Joana: Agroecologia é uma, e eu acho que também no modo de criar cooperativas, porque a gente pensa num jeito de gerar renda, mas sem degradar sempre com um olhar atento para o que está acontecendo no Cerrado, no bioma e nos ecossistemas, né? Então... o cooperativismo a partir da... do conhecimento que a gente teve no centro de agricultura alternativa foi esse, da gente criar um sistema de produção, que atendesse a necessidade da proteção do bioma, para assegurar as nascentes, né? Para assegurar a biodiversidade, e porque não tendo Cerrado, o que aqui você tem para extrair, então ficar de olho nas ameaças que nós tivemos, mas eu acho que assim a base de tudo isso foi a... essa formação dentro da... das comunidades eclesiais de base, que trouxe para a gente uma consciência mais crítica, em relação ao que estava acontecendo ao redor, que antes a gente rezava, mas rezar para a gente era uma coisa... mais só olhar para cima, né? Esquecer o que estava acontecendo dos lados, com as pessoas, quais as injustiças que estava afetando o povo, né?

A conservação/preservação de áreas naturais abastada de povos e comunidades tradicionais tem um diferencial a ser considerado, segundo Ana Tereza, *“a biologia da conservação aponta para uma relação de reforço mútuo entre a diversidade cultural e a*

diversidade biológica, indicando que os modos de vida das populações tradicionais colaboraram significativamente para a diversificação genética das espécies” (Silva, 2015, p. 237), reforçando essa ideia, Carlos Walter diz que, “Chico Mendes, que consagrou algumas ideias que já vinham sendo formuladas. Então, parafraseando-o: não tem defesa do Cerrado, sem os povos do Cerrado” (Porto-Gonçalves, 2014, p. 163). O uso e a conservação da sociobiodiversidade de Água Boa II, conta com práticas agroecológicas, criações de cooperativas de polpas de frutos do Cerrado, com a finalidade de geração de renda, sem que essa cause maiores danos à natureza. Ao mesmo tempo, Joana nos fala que sempre houve um cuidado da parte da comunidade em observar qualquer destruição que seja, por parte de empresas com o único propósito lucrativo. *“Para assegurar a biodiversidade, e porque não tendo Cerrado, o que aqui você tem para extrair, então ficar de olho nas ameaças que nós tivemos”*. Joana reforça que essa consciência crítica parte da espiritualidade vivida por eles dentro das Comunidades Eclesiais de Bases, mudando suas formas de orar e exercer sua espiritualidade como cristãos extrativistas: *“das comunidades eclesiais de base, que trouxe para a gente uma consciência mais crítica, em relação ao que estava acontecendo ao redor, que antes a gente rezava, mas rezar para a gente era uma coisa... mais só olhar para cima, né? Esquecer o que estava acontecendo dos lados, com as pessoas, quais as injustiças que estava afetando o povo, né?”*.

Pesquisadora: Em relação a plantação do eucalipto, por exemplo, tem alguma coisa que acrescentou de prática de preservação depois que o eucalipto foi plantado em Água Boa II? Ou que vocês usavam para preservar... vocês continuam e não acrescentaram mais nada?

Joana: [...] olha, desde que a gente conheceu que existia uma maneira de a gente barrar esse... frear o crescimento dessa cultura lá, que estava acabando com nosso Cerrado, é... a primeira iniciativa nossa foi ir para frente das máquinas, né? Parar as máquinas que estava destruindo o Cerrado, e quando você fala da questão religiosa, a gente não subiu para enfrentar nenhum empresário antes de fazer uma oração, né? De pedir a Deus força, porque era uma coisa que a gente não sabia no que ia dar, então a gente contava sempre com uma força do sobrenatural, daquilo que era mais forte do que a gente, porque a gente não utiliza violência, né? Então, a gente levava assim muita fé, oração para poder conversar, para dialogar com as pessoas, para que eles, também respeitassem a nossa atitude e... e aquilo que nós estávamos decidindo para nosso próprio povo, então a fé esteve muito presente, em todo momento que a gente foi enfrentar, primeiro passo foi esse, né? Agora, como a gente não conhecia os meios para poder criar um sistema que freasse para toda vida, foi chegando através do CAA, da Embrapa Cerrado, de Brasília, né? Que teve pessoas que estava fazendo estudos na região, e... pessoas da Universidade de Minas Gerais também, que eu não posso esquecer de Carlos Mazzetto, foi uma pessoa importantíssima para nós [...] ele era professor da Universidade de Minas Gerais, e veio para a região para dar para gente um... um certo consolo e ajudar a lutar com a gente, que existia um caminho, que era a criação da

unidade de conservação desses territórios, né? Que a gente até aí, a gente não sabia, que teria um meio da gente barrar para sempre isso, né? De ter uma... uma assistência jurídica, um apoio jurídico para... é, assegurar o território, então, até 2013 a nossa luta foi frente a frente mesmo, com nossos corpos barrando máquinas, e enfrentando empresários que estavam desmatando, mas depois que... mandamos já desde 2005, um primeiro abaixo-assinado solicitando, a transformação do território numa unidade de conservação de uso sustentável, então a partir daí a gente já foi... esperando, né? Que... que a gente tinha um outro recurso, que não fosse ficar batendo de frente com esses empresários, correndo risco de vida, né? De ameaças de morte, que era muita, então foi a partir daí, que a gente teve assim um enfrentamento desse... dessa cultura desastrosa, né? Desse deserto verde, que a gente chama, né?

As práticas de preservação do Cerrado no Norte de Minas Gerais, a partir da década de 70, foram contextualizadas pelas lutas de enfrentamento, os corpos humanos, por mais de uma vez se fizeram de barreira, impedindo a passagem de maquinários que desmatavam milhares de hectares de mata nativa, colocando em extinção diversas espécies de plantas e animais específicos do bioma Cerrado. Como alternativa a esses desmatamentos, as empresas multinacionais faziam promessas de reflorestamento com a monocultura de eucalipto, repercutindo nos anos posteriores a escassez de frutos, plantas e água em diversas comunidades norte mineiras. Sem uma previsão ou solução efetiva do problema socioambiental, restava aos geraizeiros valer-se da fé, *“e quando você fala da questão religiosa, a gente não subiu para enfrentar nenhum empresário antes de fazer uma oração, né? De pedir a Deus força, porque era uma coisa que a gente não sabia no que ia dar, então a gente contava sempre com uma força do sobrenatural, daquilo que era mais forte do que a gente, porque a gente não utiliza violência, né?”*. Exaustos, Joana conta que, por breves momentos passava pela cabeça a ideia de desistir de lutar pelos seus territórios, entretanto, foi por meio do CAA, da Embrapa Cerrado e professores da Universidade Federal de Minas Gerais, que faziam estudos na região, que surge a proposta da criação de uma unidade de conservação, que atendesse os modos de vida geraizeiros e ao mesmo tempo barrassem os desmatamentos. A criação da reserva foi marcada por momentos sensíveis e ameaçadores, contudo a instauração da RDS-NG, forneceu assistência jurídica, possibilitando uma outra forma de lutar pela chapada do Areião. *“que a gente tinha um outro recurso, que não fosse ficar batendo de frente com esses empresários, correndo risco de vida, né? De ameaças de morte, que era muita, então foi a partir daí, que a gente teve assim um enfrentamento desse... dessa cultura desastrosa, né? Desse deserto verde, que a gente chama, né?”*. Essa retomada de território “tem várias dimensões, a identitária, a territorial, a legal e se dá num contexto de injustiça

ambiental e violação de direitos humanos” (Brito, 2012, p. 6), convulsionando uma série de problemas ambientais e sociais como Joana nos explica a seguir.

Pesquisadora: Quando vocês foram instaurar a reserva, surgiram pessoas que quisessem que fosse parque e não reserva, por exemplo?

Joana: Não, a única coisa que aconteceu muito, nesse percurso, nesse período aí que a gente estava trazendo as informações, foi a questão de... pessoal confundir a unidade de conservação que a gente estava tentando criar com o parque, que já tinha criado em Serra Nova, e criou um impacto negativo para as comunidades, que isso é um absurdo, né? Porque o estado chega de cima para baixo, sem conversar com ninguém, né? Com as comunidades que usam aqueles territórios e aí começa a colocar um monte de proibição, então o que é que o estado faz? Ele cria esse extremo terrível, que é de pegar os danos que eles causam lá fora, ou mesmo aqui com as plantações de eucalipto, e depois vai lá e eles mesmos determinam um parque e ninguém toca aqui, que é o que muitos professores da UNB trata de [explicam como] ... “preservação romântica da natureza”, né? Ficar só olhando de fora, admirando, sendo que ali já tem um povo que sabe cuidar, que sabe usar, que sabe respeitar, [...] porque tinha alguém que cuidou bem, né? Que respeitou e que deixou ele lá preservado, usando sem destruir. Então teve muito, essa questão de... controvérsias, porque não era para criar unidade de conservação, porque eles começaram a confundir com o parque, mas também existia muitas controvérsias daqueles que tinham um sistema de vida diferenciado, que queriam destruir, e isso não acabou, nem com a RDS criada, barrou os desmatamentos? Barrou. Mas ainda existe muitas pessoas no entorno, dentro que estar enfrentando e quer, que libera áreas para eles desmatar [...] até hoje. Porque assim, a unidade de conservação ela foi criada, mas não quer dizer que lá dentro não tenha fazendeiros, empresários, que grilou terra lá dentro, muitos que comprou um pedacinho e cercou uma quantidade enorme de hectares, então tem muito lá dentro, ainda tem pessoas que insistem, mas graças a Deus e a fé e luta, a gente barrou isso, foi a partir do decreto nunca mais desmatamento lá dentro, em 13 de outubro de 2014, depois de uma greve de sede e de fome. Que foi assim, nossa ação radical para o tudo ou o nada, porque, já estava muito agressiva a situação.

A grande diversidade do Cerrado e sua grande extensão, que se consideradas as áreas de transição podem chegar a 36% do território nacional (Porto-Gonçalves, 2014), atraem atenções muitas vezes indesejadas, como é caso das empresas de eucalipto, do agronegócio, e de criações de parques pelos governos estaduais e federais. A crítica em relação aos parques gira entorno da política do preservacionismo, que tem origem nos países da Europa e desconsidera as milhares de populações tradicionais que vivem em áreas de matas (Silva, 2015). Carlos Walter e Ana Tereza Silva discutem sobre isso e nos explicam a importância das populações tradicionais para uma efetiva conservação da biodiversidade.

Eu percebo isso como um princípio extensivo a qualquer bioma, a qualquer ambiente. Significa afirmar que o conhecimento que se tem sobre um ambiente é fundamental para a sua conservação. Mas, infelizmente, a nossa sociedade sofre de uma significativa limitação em sua compreensão sobre esse aspecto,

por só levar em consideração o conhecimento científico ou uma matriz de pensamento construída a partir da Europa Ocidental, nos últimos 200 anos. Trata-se de uma concepção do conhecimento etnocêntrica, que nega outras matrizes de pensamento e sistemas de conhecimentos (Porto-Gonçalves, 2014, p. 156).

[Os] estudos nessa área tendem a reconhecer que as populações tradicionais souberam integrar o ambiente à sua vida social, colocando em prática estratégias de uso da natureza que não subvertem seus princípios nem põem em risco sua reprodução. Não por acaso, ao contrário da oposição antitética que coloca os humanos e os não humanos em domínios ontológicos distintos [...] com efeito, à medida que as práticas oficiais de proteção tomam as populações tradicionais como um obstáculo, seus saberes são sistematicamente preteridos pelo conhecimento científico, assim como a conservação da biodiversidade vai se tornando, cada vez mais, uma tarefa exclusiva da *expertise* científica (Silva, 2015, p. 238).

Nesse passo, é compreensível que os moradores de Água Boa II, temessem a construção de um parque, de um lado, seus territórios estavam ameaçados pelas devastações da monocultura do eucalipto e de outro, caso fosse criado o parque, perderiam suas terras para o governo, de uma forma ou de outra, seus modos de vida extrativistas corriam perigo de apagamento.

Mesmo depois da criação da RDS, em 13 de outubro de 2014, após greves de fome e sede frente ao palácio do planalto em Brasília, “*nossa ação radical para o tudo ou o nada, porque, já estava muito agressiva a situação*”, aqueles que mantinham um modo de vida capitalista lutavam e ainda lutam por áreas de cultivo do eucalipto dentro da reserva, felizmente toda e qualquer ação predatória é barrada pelas organizações dos movimentos sociais e pela comunidade de Água Boa II.

Pesquisadora: Há alguma prática de conservação/preservação que você julga importante, mas que por algum motivo não é mais possível realizá-la? Por quê?

Joana: Olha, eu acho que não. Para nós no território ali continua normal e a gente... e que está diferente lá é só para quem quer destruir, para quem trabalha na roça, a lavoura onde ele cultiva ele vai continuar, então, existe uma prática na comunidade, que foi... é uma erro de todas comunidades, é de chegar até bem pertinho do rio, para produzir suas lavouras, suas roças, mas por outro lado também a gente tenta entender que o pessoal tem pouca terra, são pedacinhos pequenos, então eles vão até na beira do... do córrego e faz roça, eu acho que isso é um pequeno erro, mas isso... é... já não é só por causa da unidade de conservação, já é uma lei do código florestal, né? Que tem que respeitar ali, um... uma quantidade de metros, né? Dependendo do tamanho de cada propriedade, mas para nós, não alterou nada assim, no modo de cultivar terra, no modo de extrair [...] continua extraindo do mesmo jeito, e se alguém quiser cultivar uma roça ele pode, se ele quiser fazer uma pequena pastagem, ou até mesmo plantar um pouquinho de eucalipto para uso, isso não é proibido dentro do território, na unidade de conservação. O que estar pegando um pouquinho ainda, e que as pessoas estão reclamando muito, é o plano de manejo que não foi construído ainda, então, existe alguns gargalos ainda, tem pessoas que gostaria de estar cultivando uma roça lá dentro da RDS, porque

ele não tem terra, só que ele não pode por que... ainda não fez esse plano, né? Não... as questões fundiárias dentro do território ela não está... resolvidas ainda né? Cem por cento, ainda tem muita coisa por fazer.

A permanência das práticas de conservação/preservação de Água Boa II, é possível graças a criação da RDS, no entanto a reserva ocupa uma grande parte da comunidade, ficando 15 hectares para aproximadamente 102 famílias cultivarem pequenas roças, com variados cultivos, como milho, feijão, mandioca e cultivos de hortaliças. Conseqüentemente os moradores se estenderam as beiras de córrego e rios. O plano de manejo, segundo Joana, previa uma determinada quantidade de terra para cultivo de alimentos para uso familiar e até mesmo o cultivo do eucalipto não é proibido, se feito em pequenas quantidades, *“se alguém quiser cultivar uma roça ele pode, se ele quiser fazer uma pequena pastagem, ou até mesmo plantar um pouquinho de eucalipto para uso, isso não é proibido dentro do território”*. Algumas questões burocráticas estão por resolver, mesmo assim, Água Boa II mostra gratidão e respeito pela sua conquista, e revelam isso quando nos conta sobre os sentimentos dos geraizeiros.

Pesquisadora: Você acha que existe alguma presença ou relação entre a fé/a espiritualidade/ a religiosidade e o uso e conservação da biodiversidade? Qual? De que modo?

Joana: E muita. Sabe por quê? Qual é nosso sentimento, nos geraizeiros, e... eu acredito que muitas pessoas do Norte de Minas, né? A gente sabe que existe uma natureza criada, o ser humano não foi, quem criou toda essa riqueza que está aí, então na nossa mente, o que nós pensamos é assim, tem um criador que criou, e ele deu pra gente cuidar e usufruir dela, mas sem a destruição, então dentro da nossa luta geraizeira, a gente sabe que, o mesmo que criou tudo isso, é o mesmo que nos ajuda a defender, e que nos protege, quando nós parte por alguma ação, né? De defesa, e que... a gente teve que confrontar, com pessoas, tivemos que confrontar com pessoas cruéis, maldosas, mas uma coisa a gente sabe, o sobrenatural, esteve assim, sempre presente, a gente rezava antes, a gente lia a bíblia antes, pedia inspiração, a Romaria do Areião, ela nasceu dentro desse contexto de muito conflito, de muita disputa, de um desentendimento que ouve dentro da comunidade, a gente pedia socorro... a gente ia na sagrada escritura, é tipo perguntar alguma coisa, mas só que ali, a gente tem que saber interpretar, né? Trazendo para nossa realidade, uma realidade muito distante, muito antiga, mas que tinha sinal da presença de Deus naquele povo, e era isso que a gente sentia também na nossa luta, ele está, Deus não é como fala hoje, ele é acima de todos, né? Que... esse lema esteve tão forte aí, na política brasileira, Deus ele não está acima, para nós geraizeiros, que tem fé, ele está junto, sofrendo, caminhando, ele não é aquele Deus... eu sinto isso no meu trabalho, ele não é aquele Deus que fica de cima olhando, sorrindo, chorando pelas barbáries que o ser humano causa aqui na terra, ele está ali sofrendo junto, né? Então nós tínhamos essa consciência, essa consciência, né? Deus estar aqui conosco, ele não vai deixar ninguém fazer mal, ele que criou essa natureza, o homem não tem poder de nada, só de destruição, muitas vezes, né? Então confiamos que ele vai assegurar isso aí pra gente [...].

As lutas sociais sempre estiveram de algum modo embebidas na fé, cada qual a sua maneira, gerando uma poderosa energia motivadora que reforça a credibilidade (Santos, 2014). Em *Água Boa II*, os moradores entrelaçam a espiritualidade aos movimentos de luta durante suas narrativas, tornando-as inseparáveis, ou até mesmo inexistente a defesa do Cerrado sem a presença espiritual. Acredita-se que toda vida deva ser considerada, respeitada e cuidada, diferentemente do pensamento consumista, que presa pelo acúmulo de bens sem fim.

Segundo o sociólogo Boaventura, “a emergência dos direitos humanos como linguagem de dignidade a partir da década de 1970 coincide com a inquestionada hegemonia do neoliberalismo na cena mundial perante a derrocada dos regimes socialistas” (Santos; Martins, 2019, p. 18), justamente na década de 1970 explode no Norte de Minas um grande incentivo fiscal e financeiro cedido as empresas de eucaliptos pelos governos (Brito, 2012). Essa bola de neve explode justamente nas Comunidades Eclesiais de Base, como é caracterizado por *Água Boa II*. Nesse contexto de governos neoliberais, direitos humanos negados e conflitos internos e externos, ganha força e visibilidade a grande potência espiritual dos povos tradicionais, *Água Boa* culmina esse momento com a criação da Romaria do Areião, que dá voz e vez a suas lutas pela defesa da biodiversidade, enquanto ameniza as desavenças entre os próprios moradores e celebram sua fé. A romaria ainda está cheia de propósitos e sentimentos, cria espaços socioculturais abertos a debates, a reivindicações, a críticas e ações sociais de diversos domínios.

Joana: [...] e olha menina, a gente acreditava, mas a coisa, ia só piorando, piorando, mas a esperança não morria, e ... a gente viu muitos sinais, que ele estava ali presentes sim, que de tantas ameaças que a gente teve, as pessoas voltaram e pediram perdão para a gente [...] isso não é comum acontecer essa coisas, e porque também no processo de criação da reserva, a gente sabia que... aqueles que tinham interesses em incomuns aos nossos, que era de degradar o Cerrado, é... eles coagiram muitas pessoas, para virar contra a gente dentro da própria comunidade [...] era quem mais nos ameaçavam, era pessoas de dentro da comunidade, porque as pessoas falavam assim, olha vocês vão perder tudo, vocês não vão ter direito de tirar mais nenhuma lenha para queimar no fogão, esse povo que está aí, dizendo que está defendendo o território, eles venderam essa terra para o governo, e pegaram o dinheiro e estão comprando mansão fora, tudo isso saiu, saiu no processo, então...[...] terra é uma coisa que é o chão é onde as pessoas pisam, onde eles se sustentam, onde eles estão, falou que vai tirar deles, a reação é muito...muito louca, né? A pessoa fica desesperada, então... [...] a partir dessas ameaças, a partir dessas mentiras que, falava que a gente estava era tomando a terra, entregado para o governo... que eles iam perder tudo, muitas pessoas começaram a ameaçar de morte, e a gente sabia o que estava por traz, não era ele em si, que vinha ameaçar porque ele queria, mas tinha alguém coagindo por traz, né? Soprando nos ouvidos, vocês estão perdendo suas terras, vocês não vão ter direito a mais nada, a mais nada nesse lugar, então começou surgir as ameaças de morte daí pra cá, e quanto mais as

peessoas nos ameaçava, mais a gente rezava, mais a gente pedia a força divina, ia recebendo... a gente ia, é... criando uma coragem, que até hoje eu falo, a gente não sabe de onde veio, porque se eu mostrar para você, alguns vídeos, você vai ficar impressionada, de onde que aquelas mulheres tiraram tanta sabedoria, para debater com pessoas tão poderosas e acabar tudo bem [...] com a vitória graças a Deus. Então a gente sabe, que tem essa força... divina que nós acompanhando, que estar do nosso lado sempre, né? Protegendo e... se a gente está fazendo a coisa certa, tem consciência disso, não tem por que ter medo. [...] porque Deus ele... ele nunca vai se manifestar, ele não se manifesta, é... como uma pessoa aí para gente, ele manifesta na sua obra, naquilo que ele criou, nos vemos isso [...] nas plantas, né? Nas flores, na maravilha do sabor, os sabores deliciosos, quem poderia criar coisas tão belas, tão boa, para gente poder usufruir? Então a gente não ver Deus, um Deus fora, a gente ver ele em tudo que ele criou, ele estar nas coisas que ele fez, né?

Os enfrentamentos sempre se debruçaram sobre muita violência e exaustão, com episódios de queima de casas, morte de animais, alimentos destruídos e até mesmo morte de crianças (Dayrell, 2012). Joana explica que apesar das ameaças, ninguém foi ferido ou violentado em Água Boa II, e coloca que foi graças a sua fé em algo maior do que eles próprios, “... *a gente viu muitos sinais, que ele [Deus] estava ali presente sim, que de tantas ameaças que a gente teve, as pessoas voltaram e pediram perdão para a gente. Ao contrário do que se pensa, as lutas de Água Boa pela biodiversidade do Cerrado, não se trata apenas de reapropriação de território, mas de dignidade, de serem entendidos a partir de suas próprias culturas, de reconhecer seus valores epistêmicos e de serem vistos através de suas identidades.*

O que marca essa movimentação é a entrada em cena de populações vivendo em comunidades que reivindicam não apenas a terra, mas o direito de serem reconhecidas como detentoras de uma cultura própria, uma maneira diferenciada de ver e agir no mundo. Que possuem uma economia que considera outros valores que não o lucro ou a exploração do trabalho, um jeito diferente de usar e de manejar os ambientes cujo lastro é o conhecimento construído na ancestralidade (Dayrell, 2012, p. 5).

O uso e a conservação da sociobiodiversidade explica essa “maneira diferenciada de ver e agir no mundo” (Dayrell, 2012, p. 5), compilando em uma singular mistura das coisas com o espírito e o espírito com as coisas. Joana narra essa mistura e a forma que Deus se faz presente no dia a dia das lutas da comunidade: “*ele não se manifesta, é... como uma pessoa aí para gente, ele manifesta na sua obra, naquilo que ele criou, nos vemos isso [...] nas plantas, né? Nas flores, na maravilha do sabor, os sabores deliciosos, quem poderia criar coisas tão belas, tão boa, para gente poder usufruir?*”. A espiritualidade desses sujeitos é o que Santos (2021) chama de espiritualidades não cristã,

que vai para além dos âmbitos religiosos e estende até os seres considerados com alma ou não.

Joana: [...] então eu fico muito triste de ver assim uma espiritualidade, principalmente nos últimos anos, que criou uma espiritualidade separada da vida, da vida... da natureza, da existência, a nossa existência ela está interligada com tudo, não adianta... aí eu não sou um extrativista, como não? Pode ser a pessoa que mora na capital, de alguma forma, indiretamente ele está extraindo alguma coisa, porque a água que sai de lá, só vem em uma nascente que a natureza tiver preservada, tem gente que pensa que a água nasce em torneiras, não é? Então assim... eu acho que... [...] o Ailton Krenac, é... ideia para adiar o fim do mundo, o que que o povo dessa espiritualidade, que não é concreta, que é só olhando para cima e esperando... olhando para o céu e esquece de olhar, o que nos liga, o que nos faz viver aqui nesse mundo, então ele... eles falam muito bonito sobre essa... porque nós estamos interligados, o papa Francisco também fala isso, ninguém estar separado da natureza, num adianta. Quem destruir a natureza hoje, pode passar o ano que passar, que ele vai sofrer as consequências... o ser humano não é uma pessoa desligada das árvores, da água, dos pássaros, das... dos insetos, das abelhas, ele não é, ele acha que é o único ser importante em cima da terra, mas não é. [...] porque se existe um criador... que eu acredito que exista, mas nem todo mundo é obrigada a acreditar, é... se existe um criador como que você vai destruir tudo? Eles acreditam piamente que tem um Deus que, vai morrer, que vai para o céu, que esse Deus está lá esperando ele, mas é um Deus só do céu, só de lá de cima, num é... Deus ele está em cada coisinha que existe nessa terra, com uma sabedoria que só quem vive a ancestralidade, que está lá no mato, que aprende com a natureza, é que entende Deus de verdade. [...] então as CEB's e a teologia da libertação tão condenada por alguns segmentos da igreja, ela podia voltar atrás, porque não adianta, a teologia da libertação é o maior legado, que a humanidade teve na igreja católica, e que ensina ela abrir os olhos, né? E enxergar Deus, da forma que Deus é.

A espiritualidade presente na sociobiodiversidade de Água Boa II vem culminando em dois pontos que nos é trago por Joana e discutido por Melo e outros autores (2021) e em Santos (2021). Essa visão integrada de mundo, na qual o ser humano não é superior a nenhuma outra vida, é uma constante força espiritual que acompanha os valores sociais, que mantém responsabilidades com a natureza e que não diverge valores entre o uso e a conservação. Cabe lembrar que as práticas de conservação da comunidade, não acontecem de modo separado e hoje elas fazem parte da cultura e identidade de Água Boa II, a exemplo disso, se celebra a Romaria do Areião, que carrega o sentimento de resistência aos processos/valores da colonização desenvolvimentista. A espiritualidade vivida pelas comunidades tradicionais vem contrapondo o sentido ocidental ou até mesmo o sentido espiritual trazido pela igreja, de uma fé sem ação, sem interação. Em Água Boa II, a espiritualidade se torna parte de uma dimensão social de emancipação, de resistência aos processos dominadores como o patriarcado, o colonialismo e o capitalismo (Santos, 2019).

Quando Joana nos fala: *“então eu fico muito triste de ver assim uma espiritualidade, principalmente nos últimos anos, que criou uma espiritualidade separada da vida, da vida... da natureza, da existência, a nossa existência ela está interligada com tudo, não adianta”*, Santos (2021, p, 3) discute que as comunidades eclesiais de base, como em Água Boa, vivem a espiritualidade “que floresce na submissão humilde dos seres humanos à avassaladora imensidão da vida cósmica, pertencendo assim a espiritualidade horizontal. Lowy (2016) retrata a transcendência espiritual como potência política, beneficiando os embates socioambientais que propõem a possibilidade de um futuro menos individualista para as novas gerações.

Pesquisadora: Por que a luta pela Reserva de Desenvolvimento Sustentável Nascentes Geraizeiras foi necessária?

Joana: Água! A resposta é muito simples, né? Por quê? Naquela época a gente estava vivendo uma crise hídrica, olha! A região aqui passou sede, nós não passamos por causa dessa chapada do Areião, que foi salva desde 2002, por que lá não tem serra, né? O diferencial de Serra Nova, água brota de serra, ela é mais... ela tem um... uma segurança maior, mas lá não, lá é a vegetação nativa que segura, tirasse aquela vegetação, nós não íamos ter água. A maior prova disso é, veio seca, na época que não tinha essa monocultura do eucalipto aqui, mas a água não acabava, vinha seca, já teve seca, muitas secas, só que os rios não morriam, e agora foi morrendo um após o outro, região de Vargem Grande quase acabou tudo quanto é córrego e ribeirão, para cá para o lado de Vereda Funda, onde tem história do livro de Mazzetto aí, do pessoal limpando prato com pano, porque a água acabou praticamente, onde o eucalipto tomou tudo, né? E a gente sabe, onde o mato tá preservado tem nascentes, 2016, 2017, foi uma seca absurda, que Rio Pardo passou sede, a cidade, Rio Preto secou, Rio Pardo já tinha secado há muito tempo e a nossa nascentinha lá, que é um olhinho d’água sobreviveu. Então tem gente que...quer bater... falar que não, tem pessoas aí que defende a monocultura do eucalipto, falava não... que ele é bacana porque ele... ele é um oxigênio bom, ele traz esse oxigênio, ele é uma mata verde. Ele é uma mata verde, ele é muito fresquinho em baixo, mas tudo que é água que ele pode sugar da terra ele suga, ele suga. Ele entra ano e sai ano, ele está bonitinho, verdinho, o Cerrado não, o Cerrado tem seu ciclo, de respeitar, né? Por própria natureza ele é, tem época que ele parece que está todo morto, pra... marronzinho, seco, né? Daí é que vem a brota, só no tempo da chuva que ele fica bonito de novo, então é assim, são coisas que a natureza ensina menina, que eu acho precisa... é... eu falo assim até eu faço uma crítica as universidades, as universidades também podiam ter pegado essa coisa bonita da teologia da libertação, pegado a bíblia, ajudado as pessoas interpretar, porque nasceu essa seca diabólica que quase destruiu com o Brasil [...] essa interpretação toda errada da palavra de Deus, né? E essa separação, que o ser humano é uma coisa que a natureza é outra, e que a gente não precisa da natureza, mas o ser humano precisa de tudo, que ele pode explorar tudo, ele não pode explorar tudo, eles não veem as consequências, eu falo sempre... nos geraizeiros, pequenos, pobres os periféricos, a gente vai sofrer muita crise, que a gente já sofre sempre, porque lesam nossos direitos, né? Mas quem vai pagar o preço maior por toda essa... esses danos causados aí, pelo sistema capitalista destruidor, são os grandes poderosos também que eles vão sentir um dia na pele [...] vai chegar neles, agora mesmo teve chuva aqui nos gerais, aqui no sul da Bahia, lugar que era seco, mas no Sul perdeu as roças, aos poucos eles vão

aprendendo a lição, né? Porque a natureza, não adianta acabar com ela, ela está aí, porque ela é necessária, é ela que mantém a nossa sobrevivência.

A chapada do Areião é quem garante a solta de animais e o reabastecimento aquífero de nascentes e se viu tomada pelas monoculturas de eucalipto, inviabilizando a caça, a solta e a coleta por longos 30 anos (Oliveira, 2017). De certo, a falta d'água provoca desespero a população, que apesar de já terem sido lesados de muitas outras formas pelos processos desenvolvimentista, a falta de água significava morte. Desde então, Água Boa II, juntamente com ONG's e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Rio Pardo de Minas, encontraram meios de transformar a chapada em unidade de conservação, impedindo os movimentos das empresas de eucalipto e acolhendo o modo de vida geraizeiros. Joana conta que por vezes alguns rios importantes para o município de Rio Pardo de Minas vieram a secar, no entanto, pequenos córregos que brotam no alto da chapada do Areião se mantiveram vivos, graças as vegetações preservadas a partir da instauração da RDS. Carlos Walter aponta que as chapadas são caixas d'água, que infiltram a chuva 150 a 200 metros, reabastecendo os lençóis freáticos, que quando cheios formam nascentes que escorrem para as baixadas. Porém, o uso incorreto das chapadas causa desequilíbrios ecológicos, como por exemplo, mudanças no ciclo da chuva, influenciando diretamente nas agriculturas familiares (Porto-Gonçalves, 2014).

O que pouco se fazem referência, mas vêm mantendo viva a sociobiodiversidade, inclusive o uso e conservação das chapadas, são os conhecimentos tradicionais dos povos do Cerrado, “[...] um princípio extensivo a qualquer bioma, a qualquer ambiente. Significa afirmar que o conhecimento que se tem sobre um ambiente é fundamental para a sua conservação.” (Porto-Gonçalves, 2014, p. 160). Infelizmente, nossa sociedade se baseia nos princípios capitalistas e nas bases da ciência moderna ocidental, que despreza qualquer outra forma de conhecimento e vêm negando direitos à populações tradicionais e indígenas, entre outras. Contudo, as comunidades não se deixam abater, e construíram a resistência aos movimentos colonizadores, no caso de Água Boa, desde a década de 1970 (Brito, 2012; Oliveira, 2017).

Pesquisadora: Qual a importância da Romaria do Areião?

Joana: Olha, a Romaria do Areião, ela foi um marco na nossa história de luta, porque, como já falei a gente foi... a nossa espiritualidade ela se fundamenta no princípio das CEBs, né? As comunidades eclesiais de base, e num momento assim de muita... conflito interno na comunidade, foi quando a gente recorreu a bíblia, para inspirar, vamos levar esse projeto em frente ou vamos acabar com isso? Por que a própria comunidade que tem pessoas que estão questionando,

então está bom da gente parar essa questão de criar unidade de conservação, de lutar, de defender o território, por que a comunidade está desentendendo, e a gente não queria aquilo né? E aí a gente foi buscar um texto na bíblia, para inspirar no momento de... tensão que ia acontecer numa reunião, e a palavra que a gente teve assim, abrindo no susto, talvez, nem... nem parei muito tempo para abrir a bíblia e veio um texto de Ezequiel, que fala justamente... da distribuição das terras, das tribos e daí lá no meio falou de uma... reserva, que tinha que deixar, e construir um santuário, e nesse santuário nada poderia ser comercializado, nem aterra, e... e a gente levou muito aquilo a sério, pelo momento que a gente estava vivendo, nós pegamos aquele trecho e foi refletir dentro da nossa luta [...] (Ezequiel, 48) quando você começa conflito dentro dos próprios moradores, enfraquecendo o grupo e tal...e aí... mas a gente levou assim a diante daí para frente, a gente tomou coragem, essa palavra está mostrando alguma coisa, e eu vim e conversei com a irmã aqui, ela também deu maior apoio, falou assim, não, isso é um sinal de Deus, leva a sério essa palavra aí pra você, acho que tem tudo a ver com a luta de vocês, depois eu falei com Carlos Dayrel, Dayrel já animou, ah! Porque assim logo que a gente ouviu essa palavra, foi refletir sobre ela junto com a situação nossa de luta, eu também tive uma imagem de um santuarizinho [...] por isso que eu te falo, Deus não desampara porque por vários momentos a gente quis desistir. [...] o sobrenatural está presente, ninguém planejou aquilo não, aos poucos, é... teve a ideia do santuário, então vamos construir o santuário, aí o Carlos Dayrel já incentivou um romaria grandiosa, ela teve mais de 300 pessoas, a primeira, para fazer a pedra fundamental, que é aquele cruz que está lá, foi uma caminhada linda a primeira, e aí... passado tempo, ainda levou muitos anos por que o santuário... a primeira romaria foi em 2010, e a RDS... a gente teve muitos confrontos ainda, expulsão de empresário de lá de dentro, de 2010 até 2013, nossa foi um terror, as piores coisas vieram depois, mas nesse caminho, quando as pessoas iam lá no Areião: olha! Li tem uma pedra, vamos construir um altar, vamos construir um cristo ali, alguém pensou! Depois passava outro, olha ali tem outra pedra, ali tá bom de construir a imagem de Nossa Senhora de Aparecida, e as coisas foram assim, sendo criadas assim, espontaneamente, sabe! Mas tem muitos sinais de Deus, nessa unidade de conservação até assim, depois dela criada, é... todas as unidades de conservação elas sofrem com uma crise de material, de estrutura, e aqui rapidinho veio uma equipe maravilhosa, carros, quatro carros que a unidade tem né, para fazer a fiscalização, roda na unidade, eu... eu vejo assim tudo tem sinal de Deus, e graças a Deus não aconteceu nenhuma morte. [...] eu fui ameaçada por cinco pessoas, pessoas violentíssimas, eu passei... a gente até adoeceu na época, não foi fácil! Mas não levou tempo tudo isso acabou, algumas pessoas que já me ameaçou... tem gente que é... conselheira da RDS, outros já fui na casa, já tomei café, me pediu perdão, sabe! [...] aquilo ali é um marco né, de que... Deus ele está, ele construiu tudo, e ele esteve presente na luta defendendo também, nos ajudando defender o território, ali a gente não foi só, não foi só força humana, não.

As comunidades eclesiais de base carregam sobretudo a espiritualidade reflexiva que vêm proporcionando políticas públicas, solidárias e em Água Boa, uma expressiva política socioambiental. E como marco aos embates sociocultural e socioambiental versus desenvolvimentismo, nasce a Romaria do Areião, que segundo Joana, conta com aproximadamente 300 pessoas na sua primeira realização. *“ali a gente não foi só, não foi só força humana, não”*. Segundo Joana, nesse momento uma força espiritual age como luz diante de situações de desacordos, levando-os a um trecho bíblico, Ezequiel, 48, que

motiva a comunidade a seguir a diante com a criação da reserva, apesar de tantas ameaças de morte.

Versículo 8 [...] "Do lado do limite de Judá, da fronteira oriental até a fronteira ocidental, será encontrada a parte que tirareis antecipadamente, de uma largura de vinte e cinco mil côvados e um comprimento igual ao das outras partes de leste a oeste. No centro dessa parte, ficará o santuário" [...]

Versículo 11 [...] "Ele é para os sacerdotes consagrados, descendentes de Sadoc, que têm feito o meu serviço sem se desviarem como os levitas, quando os israelitas se transviaram."

Versículo 14 [...] "Não se poderá vender nada nem trocar: o melhor dessa terra não poderá ser alienado, porque é propriedade sagrada do Senhor." (EZEQUIEL, Cp. 48, Bíblia sagrada/edição: Ave Maria).

Em 2010, a Romaria do Areião toma uma proporção inesperada, mas animadora para os moradores da comunidade, que passa a ter o apoio de várias outras comunidades, da igreja, de pesquisadores e universidades. Essa agitação da romaria fortalece a resistência, tanto que após essa primeira romaria, empresários e donos de terras griladas são expulsos de dentro da RDS. A Romaria representa parte de uma espiritualidade concreta e ativa, que provem possibilidades, superação de obstáculos, assim como concebe os conhecimentos tradicionais crescidos e vivenciados na comunidade, nas lutas, nos trabalhos, nas celebrações ou em outras práticas de Água Boa. A espiritualidade dos povos tradicionais não segue as mesmas regras, das originadas nos países eurocêntricos e muito menos quando se retratam sobre a natureza.

Uma relação de respeito e de veneração que, no entanto, não tinha nada a ver com o conceito ocidental de sagrado, concebido como algo separado, acima e para além deste mundo. A relação entre a sociedade e a natureza, entre o imanente e o transcendente, era diferente da que é comum na cultura ocidental. A natureza era concebida como estando "dentro" da sociedade, tal como o transcendente era uma dimensão do imanente. Dizer que o rio ou a montanha eram sagrados não queria dizer que estivessem em algum nível diferente de vida extraterrena. Era uma expressão que designava um modo de viver com o rio ou a montanha numa relação de respeito e dignidade mútuos (Santos, 2021, p. 1-2).

Dessa forma, não é surpresa que a Romaria do Areião carregue máximo valor espiritual, assim como seja símbolo dos conhecimentos tradicionais, pois todos os sujeitos que compartilham a mesma fé, doam tempo, serviços e parte de seus espíritos/almas se misturam ao espírito emanado da chapada do Areião, das árvores, das águas, da terra e demais vidas, que participam integralmente do sentido da Romaria do Areião na comunidade de Água Boa II, em Rio Pardo de Minas-MG. "*Aquilo ali é um marco né, de que... Deus ele está, ele construiu tudo, e ele esteve presente na luta defendendo também, nos ajudando defender o território*".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, a sociedade é vista e organizada a partir de compartimentos que separam espiritualidade/fé, educação, cultura, conhecimento científico (“como único saber válido”), desenvolvimento e preservação/conservação do meio ambiente e tantas outras dualidades e oposições que não devem ser integradas, segundo as concepções coloniais capitalistas. Entretanto, as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) construíram um sistema que interliga espiritualidade, conhecimentos tradicionais, uso e conservação da natureza contribuindo mutuamente, ou seja, dando vida ao conceito de sociobiodiversidade. Interessados nessa extraordinária configuração, que buscamos aqui responder de que modo a espiritualidade e sua marca enquanto constitutiva dos conhecimentos tradicionais estão presentes nos discursos sobre uso e conservação da sociobiodiversidade em Água Boa II?

Não é algo pronto e acabado, por exemplo, Água Boa II, antes mesmo de se depararem com os enfrentamentos pela proteção de seus territórios, já vivenciavam a espiritualidade. Essa marca que constitui os conhecimentos tradicionais se tornou primordial para a construção da sociobiodiversidade, como vem sendo reforçado por Santos (2014, p. 144) “a espiritualidade gera uma poderosa energia motivadora que, se for canalizada para as lutas progressistas pela justiça social, poderá reforçar a credibilidade das visões que mobilizam os ativistas e fortalecem a sua vontade”.

Desse modo, as lutas em defesa dos territórios das chapadas em Água Boa II, ganharam além do entusiasmo, uma potência orgânica, no sentido de organização, já que a espiritualidade vem acionando um senso de justiça, igualdade e fraternidade entre comunidades tradicionais geraizeiras do Norte de Minas Gerais.

Partindo das dez marcas que nascem das narrativas dos conhecimentos tradicionais, como dito anteriormente (Crepalde, et al., 2019), a espiritualidade não tem a ver com dogma, doutrina ou com alguma religião, mas sim deve ser entendida como “um fluxo permanente de ‘algo’ que perpassa os sujeitos, os fenômenos físicos e não físicos e tende a buscar equilíbrio na existência” (Crepalde et al., 2019, p. 282). Ela não é paradigma concorrente à ciência, não pretende tomar lugar da ciência ou de outra epistemologia. E o que evidenciamos em nossa pesquisa é que a espiritualidade se torna proeminente na concretização do conceito de sociobiodiversidade contextualizada pela tipicidade do uso e conservação do Cerrado por povos e comunidades tradicionais.

A espiritualidade vivenciada em Água Boa II, além de ser sentida, ela é festejada, de modo que entrelaçam esses movimentos de luta pelas chapadas do Areião, os festejos culturais e os conhecimentos tradicionais. E conseqüentemente montam espaços socioculturais que fortalecem e reafirmam suas identidades e seus sentidos espirituais que buscam pela proteção ambiental. Especificamente em Água Boa, fica visível essa mistura espiritual e a conservação, principalmente se observamos os causos contados durante as socializações finais da novena do padroeiro, que por maioria das vezes se trata do alívio por serem uma comunidade geraizeira inserida em um território de uma Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) e vivenciarem a sociobiodiversidade.

A sociobiodiversidade aqui discutida, tratou-se de um acumulado de práticas e saberes, sentidos e senso de justiça e direitos que vêm sendo montado e aprimorado ao longo das gerações. E apesar das crescentes áreas que aderem ao preservacionismo, Água Boa II, juntamente com outras associações parceiras optaram pela conservação, mas também pelo uso consciente e sustentável baseado nos princípios espirituais que regem as CEB's. Construindo novas epistemologias que subvertem as leis/regras do colonialismo de forma a dar destaque a espiritualidade, sendo ela num sentido ontológico, uma verdade sul-americana e não eurocêntrica (Lowy, 2016; Santos, 2014 e 2019).

Nota-se que toda essa organização social entrelaçada pela espiritualidade e sociobiodiversidade depende de um outro arranjo, das coletividades das CEB's, que como explica (Lowy, 2016), se desvinculam do conceito fechado de igreja, desse modo, se consegue trabalhar a espiritualidade horizontal (Santos, 2021). E apesar das discussões que foram por muito tempo desvincilhadas da espiritualidade, como meio ambiente ou desenvolvimento e sustentabilidade, Água Boa concretiza essas uniões e mostra os frutos de uma sociobiodiversidade entrelaçada de espiritualidade a partir da organização social de comunidades tradicionais. E hoje, as nascentes e matas preservadas, muito mais que sustento dos geraizeiros ou características identitárias, elas são monumentos culturais que representam a história de Água Boa II. Sendo vivenciado primordialmente nas Romarias do Areião.

Previamente, precisamos entender que, no caso da Romaria do Areião em Água Boa II, essas práticas, não são apenas um conjunto de doutrinas institucionais, ou uma maneira de conectar o sagrado com o profano, talvez seria melhor representado se caminhasse para uma ligação entre criaturas e criador, momento espiritual e ligações entre espíritos. Essas conexões se manifestam na doação de cafés com biscoitos, na acolhida aos visitantes, no cuidado na preparação dos alimentos até o momento de servi-los. E

quebrando ainda as barreiras institucionais, a Romaria integra objetos e símbolos que representam suas lutas sociais e identidades, como bandeiras do MST, os frutos do Cerrado, imagens e artes confeccionadas pelos próprios moradores. Os cânticos religiosos se misturam com os nascidos nos movimentos de lutas, outras vezes o grito guerreador toma lugar durante a caminhada, esses espaços vêm se tornando cada vez mais comuns na sociedade contemporânea.

Mesmo nesse atual momento, Água Boa II, mostra que relembrar essas experiências causam inquietações, foi então que o tema da romaria de 2022 se deu como: “Senhor fazei de mim um instrumento de vossa paz”. Mesmo que o espaço seja montado pela igreja católica, o papel da Romaria do Areião envolve política de conservação, artifícios de divulgação do potencial de áreas de proteção, como as RDS, o exponencial dos conhecimentos tradicionais para o uso e conservação, e por último, mas não menos importante, presença espiritual e suas potencialidades no uso e conservação da sociobiodiversidade da comunidade Água Boa II. Nesse aspecto, os padres que conhecem a perspectiva espiritual das comunidades eclesiais de base (Lowy, 2016), como no caso do pároco citado no relato, e representantes de sindicatos que conduziram a romaria de 2022, discutem o caráter transcendental, crítico e ético da espiritualidade que vem se colocando frente aos confrontos das correntes opressoras. Como refletiu a pároco *“a cruz representa duas instâncias: a vertical liga os seres humanos a Deus e a horizontal ligam nós e as criações de Deus, isso envolve nosso próximo e a natureza como um todo”*. Ainda durante as reflexões do pároco, e como nos chama atenção o Santos (2019) para as dimensões ontológicas presentes nos conhecimentos tradicionais, uma das nascentes de Água Boa II é chamada de Santana segundo ele, este nome refere se a Santa Ana, mãe das águas. Então, quais seriam as possíveis relações da romaria com o uso e conservação da sociobiodiversidade da comunidade de Água Boa II?

A todo momento deparamos com essas pontes entre a espiritualidade e o uso e conservação da sociobiodiversidade, e como uma nutre a outra. O evento preparado pelos romeiros afasta novas tentativas de desmatamento e cultivo do eucalipto, e motivam a comunidade lutar pela preservação, enquanto a relação construída com as chapadas energiza a espiritualidade (Santos, 2014).

Sabemos que ao assumir a espiritualidade e suas marcas enquanto constitutiva dos conhecimentos tradicionais no uso e conservação da sociobiodiversidade gera um certo desconforto, mas também um interesse em descobrir de que forma a espiritualidade se apresenta na sociobiodiversidade. Primeiramente sabemos que todo sistema que rege uma

sociedade é guiado por uma política, e a sociobiodiversidade em Água Boa II utiliza a espiritualidade como política social e tem gerado grandes possibilidades de desenvolvimento sustentável, que vão para além dos limites da comunidade ou da RDS. Estamos cientes sobre a crise ambiental e o qual agravante ela se torna a cada dia, e a sociobiodiversidade se apresenta como uma possível alternativa a ela.

A Educação do Campo, por exemplo, vive sobre uma pedagogia de interação e valorização de conhecimentos tradicionais do campo (Caldart, 2004, 2008), ou seja, de comunidades tradicionais como Água Boa II que constroem sistemas inovadores como a sociobiodiversidade a partir de seus conhecimentos tradicionais e de sua espiritualidade.

Essa pesquisa, me abriu os olhos para novas possibilidades, crendo no potencial revolucionário que tem as comunidades tradicionais, e quanto elas podem conquistar a partir de seu engajamento comunitário, redes de associações, instituições como as universidades e políticas públicas que foram e podem formar alianças na busca pelos direitos e justiça sociais. Podendo surgir a partir daqui novas questões de pesquisa tais como: de que modo a organização coletiva em prol de uma luta como a da defesa do Cerrado propõe, constrói e/ou reproduz conhecimentos tradicionais? De que modo essa organização lida com conhecimentos científicos ou acadêmicos? Neste último caso, há uma relação de aceitação, enfrentamento, apropriação ou de complementariedade?

Inicialmente, esse tema foi para mim um desafio, considerando que tenho minha fé, mas ao mesmo tempo uma honra, pois também sou moradora de comunidade tradicional, a minha dificuldade não se tratava de discutir sobre uma segunda crença, mas compreender como a espiritualidade se transformava em um conceito que servia de gatilho para a sociobiodiversidade. A escrita do trabalho veio junto com muita indagação e inquietações que vieram amenizando ao longo das leituras e contatos com a comunidade. Fiz amizades indiscutivelmente importantes que me aliviava durante meus turbilhões de pensamentos a volta do tema. Além de compreender todo contexto da comunidade, essa minha amiga/intermediária, entrevistada, fazia pontes consistentes entre o meu trabalho e diversos temas acadêmicos aclamados, como por exemplo o Boaventura de Sousa Santos e outros. Apesar das dificuldades, como me deslocar aproximadamente 50 km até Água Boa II e conciliar vida familiar e acadêmica, meu maior desafio foi trazer escrito todo esse potencial que tem a sociobiodiversidade de forma que meus leitores sentissem a energia que nasce desse sistema impregnando de espiritualidade de conhecimentos tradicionais e de luta por conservação da natureza. Mas acredito que o trabalho atingiu seu objetivo, pois fomos ousados ao assumir um conceito

como o da espiritualidade e darmos a ele concretude segundo o contexto na qual ele se fez presente. Contudo, alegro-me por ter escrito um pouco sobre o que Água Boa II representa, ter sentido de perto a força espiritual das Romarias do Areião e pretendo voltar mais vezes, e engajar-me nesse movimento lutas sociais.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, O. L. M; CREPALDE, S. R. “Nós Sem Deus e Sem Água Não É Nada”: Saberes e Conquista na Criação da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Nascentes Geraizeiras. *Cadernos CIMEAC*, v. 8, n. 1, 2018.

AGOSTINHO, O. L. M; AGOSTINHO, F. N; AGOSTINHO, O. C; PEREIRA, G. M. N; CREPALDE, S. R. Dos saberes à resistência – Comunidade Geraizeira de Água Boa II, MG. In: ALMEIDA, J. S. S. E.; UDRY, M. C. F. V. **Sistemas Agrícolas Tradicionais no Brasil**. Brasília (DF): EMBRAPA, 2019.

ALENTEJANO, P. Modernização da Agricultura. In: CALDART, R. S.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. (orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

ARROYO, G. M. Por Um Tratamento Público da Educação do Campo. In: **Contribuições para a Construção de um Projeto de Educação do Campo**. Brasília – DF. 2004.

BETTO, F. O que é Comunidade Eclesial de Base. **Brasiliense**. São Paulo. 1981.

BRITO, Isabel Cristina. A Rede Movimento Social dos Geraizeiros do Norte de Minas. VI Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade (ANPPA). **Anais**. Belém (PA): ANPPA, 2012.

CALDART, S. R. Elementos Para Construção do Projeto Político e Pedagógico da Educação do Campo. In: **Contribuições para a Construção de um Projeto de Educação do Campo**. Brasília – DF. 2004.

CALDART, S. R. Sobre Educação do Campo. In: **Educação do Campo, Campo - Políticas Públicas – Educação**. Incra/MDA. Brasília. 2008.

CORDEIRO, G. N. K.; REIS, Neila da Silva & HAGE, Salomão Mufarrej. Pedagogia da Alternância e seus desafios para assegurar a formação humana dos sujeitos e a sustentabilidade do campo. **Em Aberto**, Brasília, v. 24, n. 85, p. 115-125, abr. 2011.

CORREIA, B. C. M. A observação participante enquanto técnica de investigação. **Pensar Enfermagem**, v. 13, n. 2, 2º sem. 2009.

CREPALDE, R. dos S.; KLEPKA, V.; HALLEY, T. O. P.; SOUSA, M. A Integração de Saberes e as Marcas dos Conhecimentos Tradicionais: Reconhecer para Afirmar Trocas Interculturais no Ensino de Ciências. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, v. 19, p. 275–297, 2019.

D’ANGELIS FILHO, João Silveira; DAYRELL, Carlos Alberto. Ataque aos cerrados: a saga dos Geraizeiros que insistem em defender o seu lugar. **Cadernos do CEAS: Revista crítica de humanidades**, n. 222, p. 10 - 33, jun. 2016. Disponível em:

<https://periodicos.ucs.br/index.php/cadernosdoceas/article/view/173/153>. Acesso em: 08 ago. 2022.

DAYRELL, C. A. *Rebeldia nos Sertões*. Articulação Nacional de Agroecologia, Rio de Janeiro, 07 mai. 2012. Disponível em:

<https://racismoambiental.net.br/2016/02/11/rebeldia-nos-sertoos-por-carlos-alberto-dayrell-2/>. Acesso em 08 ago. 2022.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Cidades**: Rio Pardo de Minas (MG). Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/rio-pardo-de-minas/panorama>. Acesso em: 24/01/2023.

IEF (Instituto Estadual de Floresta). **Parque Estadual de Serra Nova e Talhado**. Disponível em: <http://www.ief.mg.gov.br/unidades-de-conservacao/213?task=view>. Acesso em: 30/11/2021, as 21h:44m.

ISA (INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL). **Unidades de Conservação no Brasil**: categorias de UC's. Disponível em: <https://uc.socioambiental.org/o-snuc/categorias-de-ucs>. Acesso em 10/07/2023.

LOWY, M. **O que é Cristianismo Da libertação? Religião e política na américa latina**. Editora Fundação Perseu Abramo. São Paulo, 2016.

LUDKE, M; ANDRE, A. D. E. M. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. Editora Pedagógica e Universitária LTDA. São Paulo. 1986.

MARQUES, P. J. A “observação Participante” na Pesquisa de Campo em Educação. **Educação em Foco**. Maio/agosto. 2016, p. 263-284.

MELO, G. P. A; THÉ, G. P. A; LIMA, M. P; MELO, A. C. A. Reserva de Desenvolvimento Sustentável Nascentes Geraizeiras: uma experiência de resistência e etnoconservação no Norte de Minas Gerais. **Revista IDeAS**. Rio de Janeiro. jan./dez. 2021.

OECoa. O que é uma reserva biológica?. In: **Dicionário Ambiental**. Disponível em: <https://oeco.org.br/dicionario-ambiental/29129-o-que-e-uma-reserva-biologica/>. Acesso em 22/05/2023.

OECoB. O que é uma Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN)?. In: **Dicionário Ambiental**. Disponível em: <https://oeco.org.br/dicionario-ambiental/28475-o-que-e-uma-reserva-particular-do-patrimonio-natural-rppn/>. Acesso em 22/05/2023.

OLIVEIRA, Moisés Dias de. **Autodefinição identitária e territorial entre os Geraizeiros do Norte de Minas Gerais: o caso da comunidade Sobrado**. Dissertação (Mestrado em Sustentabilidade junto a Povos e Territórios Tradicionais) Brasília: UnB, 2017.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Descolonizar o pensamento, condição para a sustentabilidade: diálogo com Carlos Walter Porto-Gonçalves (entrevista). Parque Estadual de Serra Nova e Talhado. **Plano de Manejo**. Belo Horizonte MG. Junho. 2020.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: _____ **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas.** Buenos Aires: CLACSO, 2005.

RIO PARDO DE MINAS. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2022. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Rio_Pardo_de_Minas&oldid=62774457>. Acesso em 23/05/2023.

SANTOS, B. S. Para Além do Pensamento Abissal: Das Linhas Globais a Uma Ecologia de Saberes. In: SANTOS, B. S. & MENESES, M. P. (Orgs.). **Epistemologias do Sul.** Coimbra (PT): Almedina, 2003, p. 7-13; p. 20-71.

SANTOS, B. S. **Se Deus fosse um ativista dos direitos humanos.** Cortez. São Paulo. 2014.

SANTOS, B. S. Aula 1: Por que as Epistemologias do Sul. In: **Na oficina do sociólogo artesão: aulas 2011-2016.** São Paulo: Cortez, 2018, p. 23-54.

SANTOS, Boaventura. **O Fim do Império Cognitivo: a afirmação das epistemologias do sul.** Belo Horizonte (MG): Autêntica, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MARTINS, Bruno S. (orgs.). **O pluriverso dos Direitos Humanos: a diversidade das lutas pela dignidade.** Belo Horizonte: Autêntica: 2019, p. 13-25; p. 39-61.

SANTOS, B. S. A Urgência das Espiritualidades Não Cristãs. **Outras Palavras.** Jornalismo de profundidade e pós-capitalismo. 2021. Disponível em: <https://outraspalavras.net/descolonizacoes/a-urgencia-espiritualidades-naocristas/>. Acessado em: 19/10/2022, as 20h:57min.

SILVA, R. T. A. A conservação da biodiversidade entre os saberes da tradição e a ciência. **Estudos avançados**, 29 (83), jan-abr. de 2015.

SILVA, D. V. A Comunicação Popular e sua relação com o engajamento da juventude campesina nas comunidades rurais na RDS Nascentes Geraizeiras. **Trabalho de Conclusão de Curso.** Uberaba – Minas Gerais. 2020.

SOUSA, J. R. SAUER, S. Antagonismo e reciprocidade na (re)afirmação identitária dos geraizeiros: luta por território e água no norte de Minas Gerais. **Estudos Sociedade e Agricultura.** Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. p. 676-699. 2020.

WWF (Fundo Mundial Para a Natureza). **Unidades de Conservação.** Disponível em: https://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/questoes_ambientais/unid/. Aceso em 22/05/2023.

YIN, R. K. **Pesquisa qualitativa: do início ao fim.** Porto Alegre: Bookman, 2016, p.3-42.

APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

- 1 – A senhora mora há quanto tempo na comunidade?
- 2 – Quando e como você ouviu falar pela primeira vez sobre algo relacionado à conservação/preservação na comunidade? Era relacionado a qual situação?
- 3 – Hoje em dia, na sua visão, quais são as principais práticas que a comunidade desenvolve visando à conservação/preservação?
- 4 – Há alguma prática de conservação/preservação que você julga importante, mas que por algum motivo não é mais possível realizá-la? Por quê?
- 5 – Você acha que existe alguma presença ou relação entre a fé/a espiritualidade/ a religiosidade e o uso e conservação da biodiversidade? Qual? De que modo?
- 6 – Por que a luta pela Reserva de Desenvolvimento Sustentável Nascentes Geraizeiras foi necessária?
- 7 – Qual a importância da Romaria do Areião?